



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Ruínas

Cidade, Lugar e Ruínas – Formas de revalorização

Nicolas Monlouis Lionel Hervé

Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo

Orientador(a):

Professor Doutor Arquiteto Pedro Alexandre Aguiar Mendes,
Professor auxiliar ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Pedro Viana Botelho, Professor catedrático
convidado ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2023

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Ruínas

Cidade, Lugar e Ruínas – Formas de revalorização

Nicolas Monlouis Lionel Hervé

Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo

Orientador(a):

Professor Doutor Arquiteto Pedro Alexandre Aguiar Mendes,
Professor auxiliar ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Pedro Viana Botelho, Professor catedrático
convidado ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2023

Ruínas

Cidade, Lugar e Ruínas – Formas de revalorização

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
Nicolas Monlouis
Outubro 2023.

Nota prévia

O meu nome é Nicolas Lionel Hervé Monlouis, e sou o autor desta reflexão crítica. Optei por viver, trabalhar e estudar em Portugal com o intuito de enriquecer o meu pensamento arquitetónico, bem como de aprender a conceber e dar resposta a desafios num território com um ambiente, clima, luz e topografia distintos. Tomei esta decisão para explorar e compreender a crítica regionalista sobre Portugal e a materialidade do seu território, como é o caso do Lioz, por exemplo.

Sou francês e nasci na Guadalupe, França, em 2000. Vivi em Paris e concluí a minha licenciatura em arquitetura (diplôme d'étude d'architecture) em 2020 na École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Val de Seine (ENSAPVS). Durante os três anos da minha licenciatura, estudei sob a orientação dos professores: Laurent Beaudouin, Cyrille Faivre-Aublin, Jean Mas, Hugues Fontenas, Norbert Laurent e Jean-Louis Garnier.

Durante o ano académico de 2020-2021, realizei um estágio profissional de sete meses em Seixal, Lisboa, Portugal. Iniciei o meu mestrado integrado em arquitetura (MIA) em 2021, no ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, na Escola de Tecnologias e Arquitetura. Aprendi, estudei e trabalhei em três línguas diferentes: português, inglês e francês.

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração e o apoio das pessoas que me auxiliaram ao longo do meu percurso como estudante de arquitetura. Quero expressar a minha gratidão.

Quero agradecer à minha família, pela motivação, coragem, confiança, orientação, apoio constante, sacrifícios e incentivos.

Aos Professores e Arquitetos Pedro Alexandre Aguiar Mendes e Pedro Viana Botelho, pela orientação na criação desta reflexão crítica. Também desejo agradecer pela revisão detalhada desta tese e pelos comentários críticos e construtivos que enriqueceram o seu conteúdo, bem como o meu pensamento e a qualidade dos desenhos de arquitetura.

Ao meu professor de idioma Gonçalo Vieira Ribeiro, para o ensino da língua portuguesa até ao nível B2.

Aos meus professores e colegas de turma desde o início do meu percurso como estudante de arquitetura em Paris e Lisboa, todos os quais contribuíram para o meu desenvolvimento e evolução académica na área da arquitetura. Às empresas de arquitetura onde tive a oportunidade de realizar estágios profissionais, assumir responsabilidades e aprender ainda mais sobre a arquitetura.

À mobilidade estudante na Europa no âmbito do processo de Bolonha.

Resumo

Palavras-chave: Reapropriação - regeneração - Reabilitar - Alterar - Preservar - Caldas da Rainha

O processo de descolonização de Portugal, bem como a transição da ditadura para a república no final do século XX teve consequências económicas. A falta de recursos e de recursos financeiros tinham um impacto sobre o desenvolvimento de Portugal e, noutra escala, das suas cidades e centros históricos. A precariedade e a falta de manutenção de alguns edifícios existentes estão ligadas ao abandono gradual dos seus centros históricos. Este processo tem favorecido o aparecimento de muitos espaços e edifícios abandonados, sinónimo de uma progressiva auto destruição da paisagem urbana e da história dos centros históricos, como na cidade das Caldas da Rainha. Desta forma, o presente trabalho “Cidade, Lugar e Ruínas – Formas de Revalorização” pretende refletir sobre o desafio das ruínas contemporâneas e vazios urbanos no centro histórico da cidade de Caldas da Rainha. Para isso, era necessário conhecer a história desta cidade; interpretar a sua memória e a sua ligação direta com a arquitetura; entender os desafios que um centro histórico pode conter e encontrar propostas. Assim, para um enquadramento das noções e estratégias estudadas, apresentam-se duas áreas de intervenção, a saber: um edifício abandonado e um vazio urbano. As duas propostas desenvolvidas irão valorizar o passado e, ao mesmo tempo, responder às necessidades da geração atual e futura através da reabilitação.

Key-words: Reappropriation - regeneration - Reactivate
- Modify - Preserve - Caldas da Rainha

The process of decolonization of Portugal as well as the transition from dictatorship to republic at the end of the XX century had economic consequences. The lack of resources and finances have an impact on the development of Portugal and on another scale of its cities and historic centers. The precariousness and lack of maintenance of some existing buildings are linked to the gradual abandonment of its historic centers. This process has favored the appearance of many abandoned spaces and buildings synonymous of the progressive self-destruction of the urban landscape and the history of historic centers such as in the city of Caldas da Rainha. In this way, the present work *City, Place and Ruins – Forms of Revalorization* is intended to reflect on the challenge of contemporary ruins and urban voids in the historic center of the city of Caldas da Rainha. For this, it was necessary to know the history of this city; interpret its memory and its direct link with architecture; respond to the challenges that a historic center may contain and find proposals. Thus, for a framing of the concepts and strategies studied, two proposals for intervention are presented, namely: an old, abandoned house and an urban void. The two projects developed will enhance the past and at the same time meet the current needs of the current and future generation through rehabilitation.

Índice

Nota prévia	VI
Agradecimentos	VII
Resumo - Abstract	X
Índice de figuras	XIV
1.Introdução	21
2.Passado, presente, futuro	25
2.1.Ruina contemporanea	26
2.2.Critica regionalista em portugal	28
3.Leitura Critica do Territorio	31
3.1. Biofísica	32
3.2. Evolução Histórica	36
3.3. Evolução Demográfica e Económica	56
3.4. Mobilidade	60
3.5.Analise SWOT	64
3.6.Edifícios Relevantes	74
4. Reapropriação e evolução do existente	89
4.1. Referências arquitetónicas	90
4.2. Existente	94
4.3. Existente alterado	108
5. Considerações finais	137
Referências	140
Bibliografias	142

Índice de figuras

Figura 1: Landscape with Ruins, Pastoral Figures, and Trees pelo Claude Lorrain. c. 1650

Fonte: LORRAIN, C. Landscape with Ruins, Pastoral Figures, and Trees. [Em linha] The National Gallery of Art. [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: <https://www.nga.gov/collection/art-object>.

Figura 2: Depósito em Santiago, 2020, Chile

Fonte: PRADO, P., & Alonso, P. Ciclos. Os Arquitetos que Nunca Deitaram Nada Fora Trienal de Arquitetura. [Em linha] Agenda cultural Lisboa. [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: <https://www.agendalx.pt/events/event/ciclos-os-arquitetos-que-nunca-deitaram-nada-fora/>

Figura 3: Winding Towers nºIV, 1975. Bernd e Hilla Becher

Fonte: BECHER, B. H. BERND & HILLA BECHER WINDING TOWERS NºIV. [Em linha] L'institut d'art contemporain Ville de Villeurbanne Rhône-Alpes [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: https://i-ac.eu/fr/collection/323_winding-towers-n-iv-BERND-HILLA-BECHER-1975

Figura 4: SAAL Sao Victor Porto Alvaro Siza

Fonte: BEAUDOUIN, E. L. (2013). ALVARO SIZA DESIGNER PAS A PAS. [Em linha] BEAUDOUIN Architectes [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: <http://www.beaudouin-architectes.fr/2011/09/alvaro-siza-2/>

Figura 5: SAAL Sao Victor Porto Alvaro Siza desenhos

Fonte: BEAUDOUIN, E. L. (2013). ALVARO SIZA DESIGNER PAS A PAS. [Em linha] BEAUDOUIN Architectes [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: <http://www.beaudouin-architectes.fr/2011/09/alvaro-siza-2/>

Figura 6: Tipos de Solo, Planta Aproximada

Fonte: SERVIÇOS GEOLÓGICOS PORTUGAL Carta geológica - Portugal. Lisboa: [s. n.], 1952. 1 mapa : color. ; 61x39 cm. Disponível em: <https://almamater.uc.pt/bibletras/item/44989>

Figura 7: A criação da Cidade- Planta dos equipamentos balneares anteriores ao Hospital

Fonte: GOMES, Saúl António, As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII. C. Rainha, 1994. Pág. 21 e 22

Autores Vários, Linha do Oeste. Lisboa, 1998. Cap. 10 SERRA, João Bonifácio pág. 170-171

Figura 8: A criação da Cidade- Planta Medieval

Fonte: Autores Vários, Linha do Oeste. Lisboa, 1998. Cap. 10 SERRA, João Bonifácio pág. 169-177. Pág. 170

GOMES, Saúl António, As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII. C. Rainha, 1994. Pág. 31-37

Figura 9: A criação da Cidade- Planta após anos Oitocentistas

Fonte: SERRA, João Bonifácio, 21 Anos, pela História: Caldas da Rainha, estudos notas e documentos. C. Rainha, 2003. Pág. 55- 56-57

SERRA, João Bonifácio, Introdução à História das Caldas da Rainha. Caldas da Rainha, 1995. Pág.42-44.

Autores Vários, Terra das Águas, C. Rainha, 1993 pág.386

SOURE, Dulce Maria Santa Marta de, Um parque para as caldas, C. Rainha, 1993.

Figura 10: A criação da Cidade- Planta 1900-Actualidade

Fonte: Autores Vários, Linha do Oeste. Lisboa, 1998. Cap. 10 SERRA, João Bonifácio pág. 176

Figura 11: Caldas da rainha Fotografia Aerea anos 20

Fonte: Caldas da Rainha anos 20. (s.d.). [Em linha] Antigos Alunos Externato Ramalho Ortigao. [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: <http://externatoramalhoortigao.blogspot.com/2011/11/caldas-da-rainha-anos-20.html>

Figura 12: Limites Aproximados do Termo da Vila das Caldas de 1511

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 293

Figura 13: Domínios Senhoriais Finais do Século XV

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 279.

Figura 14: Planta da Vila das Caldas de 1742, da autoria de João Pedro Ludovice

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 54.

Figura 15: Rodrigo Berquó, visto por Rafael Bordalo Pinheiro, 1894

Fonte: Projeto de Rodrigo Berquó para o Hospital D. Carlos. Alçado frente poente

Figura 16: Hospital antes do 3º piso projetado por Rodrigo Berquó.

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 390

Figura 17: Chegada Imaginária do comboio às Caldas da Rainha por Rafael Bordalo Pinheiro (30 de Junho de 1887)

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 99

Figura 18: Caldas da Rainha 1925. Mapa com desenho de Fernando Correia (1893-1967)

Fonte: TOMAZ, Matilde [et.al.] - O Museu José Malhoa, as Caldas e a República: Centenário da República, 1910-2010. - 1ª ed. - [Lisboa]: Instituto dos Museus e da Conservação - Museu José Malhoa, 2010.

Figura 19: Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha

Fonte: SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 314

Figura 20: Aspeto da loja do Pavilhão de vendas Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro (foto da época)

Fonte: SERRA, João Bonifácio [et.al.] - Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes. Assírio&Alvim, 1998

Figura 21: Mapeamento de Utilidades ao nível do Piso Térreo - Mapeamento dos Usos na Cidade

Fonte: GOOGLE EARTH. Caldas Da Rainha. [Consult.Set/Out. 2022] Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Caldas+da+Rainha/@39.43934345,9.13648445,19.40687785a,28725.7781237d,35y,0h,0t,0r/>

Figura 22: Vias de Comunicação de Acesso à Cidade- Ligações Rodoviárias

Fonte: RODOVIÁRIA DO OESTE. Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas Rocaldas [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: <http://rodoviaria-dooeste.pt/rede-de-transportes>

POLITÉCNICO DE LEIRIA. Mapa da Cidade. Caldas da Rainha Mapa da Cidade [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 06 Out. 2022] Disponível em: <https://www.ipleiria.pt/esadcr/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/MAPA-C-EDIFICIOS.pdf>

Figura 23: Linha do Comboio

Fonte: © Sofia Ferrinho, 2023

Figura 24: Escola Superior de Artes e Design

Fonte: © Sofia Ferrinho, 2023

Figura 25: Estacionamento num lote vazio

Fonte: © Joana Leite, 2023

Figura 26: Ruínas na cidade. Rua Diário de Notícias

Fonte: © Joana Leite, 2023

Figura 27: Rede de Transporte urbano TOMA

Fonte: © Sofia Ferrinho, 2023

Figura 28: O alinhamento dos edifícios

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 29: Planta de oportunidades

Fonte: GOOGLE EARTH. Caldas Da Rainha. [Consult.Set/Out. 2022] Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Caldas+da+Rainha/@39.43934345,9.13648445,19.40687785a,28725.7781237d,35y,0h,0t,0r/>

Figura 30: Planta conjuncto de proposta revalorização da cidade

Fonte: GOOGLE EARTH. Caldas Da Rainha. [Consult.Set/Out. 2022] Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Caldas+da+Rainha/@39.43934345,9.13648445,19.40687785a,28725.7781237d,35y,0h,0t,0r/>

Figura 31: Hospital Termal Caldas da Rainha, Balneario novo

Fonte: SIPA. Hospital Termal Rainha D. Leonor [Em linha]. Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14153

Figura 32: Hospital Termal Caldas da Rainha, Fachada Principal

Fonte: SIPA. Hospital Termal Rainha D. Leonor [Em linha]. Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14153

Figura 33: Mercado da Fruta, Praça da República

Fonte: Praça da Fruta das Caldas da Rainha. (s.d.). [Em linha]. visit center of portugal [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: <https://www.centerofportugal.com/pt/poi/praca-da-fruta-das-caldas-da-rainha>

Figura 34: Mercado da Fruta, Praça da República

Fonte: Praça da Fruta das Caldas da Rainha. (s.d.). [Em linha]. visit center of portugal [Consult. Jun. 2023]. Disponível em: <https://www.centerofportugal.com/pt/poi/praca-da-fruta-das-caldas-da-rainha>

Figura 35: Mercado da Fruta antigamente

Fonte: Tradicional Mercado das Caldas (“Praça da Fruta”) (Editada em 1903-1904, por Paulo Emílio Guedes). Fonte: (Trancoso, 1999)

Figura 36: Céu de Vidro do Clube de Recreio do Parque D. Carlos I

Fonte: Hipólito, R. (2014). O turismo nas Caldas da Rainha do século XIX para o século XX (1875- 1936) (Dissertação de mestrado, ISCTE-IUL, 2014). Lisboa: ISCTE-IUL Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/9233>

Figura 37: Lago do Parque em dia de regata, coleção Miguel Chaby

Fonte: Hipólito, R. (2014). O turismo nas Caldas da Rainha do século XIX para o século XX (1875- 1936) (Dissertação de mestrado, ISCTE-IUL, 2014). Lisboa: ISCTE-IUL Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/9233>

Figura 38: Parque D. Carlos I, projeto de Rodrigo Berquó, 1889

Fonte: Hipólito, R. (2014). O turismo nas Caldas da Rainha do século XIX para o século XX (1875- 1936) (Dissertação de mestrado, ISCTE-IUL, 2014). Lisboa: ISCTE-IUL Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/9233>

Figura 39: Mercado do Peixe na Praça 5 de Outubro, em 1930

Fonte: Bilhete-Postal do “Mercado do Peixe” na Praça 5 de Outubro, em 1930 (por Eduardo Portugal) Fonte: Adaptado de (Trancoso, 1999)

Figura 40: Teatro Pinheiro Chagas na Praça 5 de Outubro, em 1935

Fonte: Bilhete-Postal da 1ª Versão do Teatro Pinheiro Chagas 1935. Adaptado de (Trancoso, 1999)

Figura 41: Anfiteatro central na Praça 5 de Outubro, em 2022

Fonte: “Anfiteatro” - Espaço central da Praça 5 de Outubro, 2013 (Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 2015)

Figura 42: Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha Autor não identificado, cerca 1889

Fonte: museubordalopinheiro. (s.d.). Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. [Em linha] museubordalopinheiro [Consult. Jun. 2023] .Disponível em: <https://museubordalopinheiro.pt/item/fabrica-de-faiancas-das-caldas-da-rainha/>

Figura 43: Fábrica Bordallo Pinheiro

Fonte: Fábrica Bordallo Pinheiro. (s.d.). [Em linha] gocaldas [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://gocaldas.com/fabrica-bordallo-pinheiro/>

Figura 44: Silos contentor criativo

Fonte: SILOS CONTENTOR CRIATIVO, CALDAS DA RAINHA. (s.d.). [Em linha] OPEN SOURCE LOCATION SCOUTING [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <http://open-sourcelocationscouting.blogspot.com/2014/03/silos-contentor-criativo-caldas-da.html>

Figura 45: Silos

Fonte: SILOS CONTENTOR CRIATIVO, CALDAS DA RAINHA. (s.d.). [Em linha] OPEN SOURCE LOCATION SCOUTING [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <http://open-sourcelocationscouting.blogspot.com/2014/03/silos-contentor-criativo-caldas-da.html>

Figura 46: Imagem Mercado Braga soute de moura

Fonte: Moura, N., & Dal Co, F. (2019). Souto de Moura – Memória, Projectos, Obras. Associação Casa da Arquitectura. P101

Figura 47: Desenho Mercado Braga soute de moura

Fonte: Moura, N., & Dal Co, F. (2019). Souto de Moura – Memória, Projectos, Obras. Associação Casa da Arquitectura. P94

Figura 48: Desenhos Mercado Braga soute de moura

Fonte: Moura, N., & Dal Co, F. (2019). Souto de Moura – Memória, Projectos, Obras. Associação Casa da Arquitectura. P92

Figura 49: Imagem Pousada de santa Marinha da costa Fernando Távora

Fonte: DC 0179 - Pousada de Santa Marinha. (s.d.). [Em linha] Universidade do porto [Consult. Jun. 2023] . Disponível em: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/pousada-de-santa-marinha>

Figura 50: Desenhos Pousada de santa Marinha da costa Fernando Távora

Fonte: BANDEIRINHA, José António, ed. lit. - Fernando Távora : modernidade permanente. Guimarães : Associação Casa da Arquitectura, 2012, p. 344.

Figura 51: Desenhos Pousada de Santa Marinha da Costa
Fernando Távora

Fonte: BANDEIRINHA, José António, ed. lit. - Fernando Távora : modernidade permanente. Guimarães : Associação Casa da Arquitectura, 2012, p. 346.

Figura 52: Áreas de intervenção antigamente imagem
Chiado public space carmo connection Castanheira + Alvaro Siza

Fonte: CASTANHEIRA, carlos ; SIZA, alvaro - Chiado public space carmo connection (s.d.). [Em linha] Carlos Castanheira Architects [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://www.carloscastanheira.pt/project/chiado-area-conection-to-patio-b-largo-do-carmo-and-terracos-do-carmo/>

Figura 53: Imagem Chiado public space carmo connection
Castanheira + Alvaro Siza

Fonte: CASTANHEIRA, carlos ; SIZA, alvaro - Chiado public space carmo connection (s.d.). [Em linha] Carlos Castanheira Architects [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://www.carloscastanheira.pt/project/chiado-area-conection-to-patio-b-largo-do-carmo-and-terracos-do-carmo/>

Figura 54: Imagem Chiado public space carmo connection
Castanheira + Alvaro Siza

Fonte: CASTANHEIRA, carlos ; SIZA, alvaro - Chiado public space carmo connection (s.d.). [Em linha] Carlos Castanheira Architects [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://www.carloscastanheira.pt/project/chiado-area-conection-to-patio-b-largo-do-carmo-and-terracos-do-carmo/>

Figura 55: Imagem MercadoBolhao Nuno Valentim

Fonte: Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação Lda. (s.d.). Reabilitação do Mercado do Bolhão. [Em linha] Nuno Valentim Arquitectura [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://nunovalentim.com/projecto/reabilitacao-do-mercado-do-bolhao/>

Figura 56: Imagem MercadoBolhao Nuno Valentim

Fonte: Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação Lda. (s.d.). Reabilitação do Mercado do Bolhão. [Em linha] Nuno Valentim Arquitectura [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://nunovalentim.com/projecto/reabilitacao-do-mercado-do-bolhao/>

Figura 57: Imagem MercadoBolhao Nuno Valentim

Fonte: Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação Lda. (s.d.). Reabilitação do Mercado do Bolhão. [Em linha] Nuno Valentim Arquitectura [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://nunovalentim.com/projecto/reabilitacao-do-mercado-do-bolhao/>

Figura 58: Imagem antiga unidade industrial Real Vinícola
Casa de arquitectura Guilherme machado Vaz

Fonte: © Luis Ferreira Alves

Figura 59: Imagem Casa de arquitectura Guilherme machado Vaz

Fonte: © Luis Ferreira Alves

Figura 60: Imagem Casa de arquitectura Guilherme machado Vaz

Fonte: © Luis Ferreira Alves

Figura 61: Imagem kolumba museum peter Zumthor

Fonte: © Rasmus Hjortshøj - COAST

Figura 62: Imagem kolumba museum peter Zumthor

Fonte: © Rasmus Hjortshøj - COAST

Figura 63: Imagem kolumba museum peter Zumthor

Fonte: © Rasmus Hjortshøj - COAST

Figura 64: Imagem Atelier museu julio pomar Alvaro siza

Fonte: © João Morgado

Figura 65: Desenho Atelier museu julio pomar Alvaro siza

Fonte: SIZA, Á. (s.d.). ÁLVARO SIZA VIEIRA ATELIER MUSEU JÚLIO POMAR. [Em linha] DIVISARE [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://divisare.com/projects/225434-alvaro-siza-vieira-joao-morgado-atelier-museu-julio-pomar>

Figura 66: Desenho Atelier museu julio pomar Alvaro siza

Fonte: SIZA, Á. (s.d.). ÁLVARO SIZA VIEIRA ATELIER MUSEU JÚLIO POMAR. [Em linha] DIVISARE [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://divisare.com/projects/225434-alvaro-siza-vieira-joao-morgado-atelier-museu-julio-pomar>

Figura 67: Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha criado pelo arquitecto Paulino Montez, aprovado em 1953

Fonte: MONTEZ, Paulino. Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha 1953.[DGOTDU] Em OLIVEIRA, Filipa Couto. Os espaços públicos das Caldas da Rainha: Regeneração Urbana e Identidade.

Figura 68: Orthophotomapa da Cidade das Caldas da Rainha 2022

Fonte: GOOGLE EARTH. Caldas Da Rainha. [Consult.Set/Out. 2022] Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Caldas+da+Rainha/@39.43934345,9.13648445,19.40687785a,28725.7781237d,35y,0h,0t,0r/>

Figura 69: Chafariz da Estrada da Foz

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 70: estacionamento privado edificio abandonado (A)

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 71: vista rua Victorino Fróis e edificio abandonado (A)

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 72: vista aérea alinhamento edificio vizinho com o edificio abandonado (A)

Fonte: © David Serralheiro, 2023

Figura 73: espaço vazio (B)

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 74: estacionamento espaço vazio (B)

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 75: espaço vazio (B)

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 76: Planta edificio Existente (A) 1/500

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 77: Planta existente espaço vazio (B) 1/500

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 78: Planta existente edificio abandonado (A) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 79: Planta existente piso 1 (B) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 80: Alçado sul existente edificio abandonado (A) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 81: Alçado norte existente edificio abandonado (A) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 82: Alçado este existente edificio abandonado (A) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 83: Planta geral proposta area urbana rehabilitada 1/2000

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 84: Maquete proposta edificio abandonado (A) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 85: Maquete proposta vazio urbano (B) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 86: Maquete proposta edificio abandonado (A)+ vazio urbano (B) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 87: Desenho proposta alinhamento fachada sul (A) e fachada edificio vizinho

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 88: Desenho proposta alinhamento fachada sul (A) e fachada edificio vizinho

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 89: Maquete proposta edificio abandonado (A) 1/100

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 90: Maquete proposta edificio abandonado (A) 1/100

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 91: Desenho proposta vazio urbano alterado (B)

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 92: Alçado sul proposta edificio abandonado (A) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 93: Alçado norte proposta edificio abandonado (A) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 94: Alçado este proposta edificio abandonado (A) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 95: Alçado oeste proposta edificio abandonado (A) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 96: Alçado oeste proposta vazio urbano alterado (B) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 97: Corte oeste proposta vazio urbano alterado (B) 1/200

Fonte: © Nicolas Monlouis, 2023

Figura 98: Desenhos Ricardo Bofill Taller Arquitectura Casa santuário França

BOFILL, R. (s.d.). Les maisons temple. [Em linha] Ricardo Bofill Taller de Arquitectura [Consult. Jun. 2023] Disponível em: https://ricardobofill.com/wpcontent/uploads/2016/04/Ricardo_Bofill_Taller_Arquitectura_Maison_Temple_France_08-190x106.jpg

Figura 99: imagem Ricardo Bofill Taller Arquitectura Os espaços Abraxas Marne la Vallé França

BOFILL, R. (s.d.). LES ESPACES D'ABRAXAS. [Em linha] Ricardo Bofill Taller de Arquitectura [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://ricardobofill.com/projects/les-espaces-dabraxas/>

Figura 100: Desenho espaço interior edificio rehabilitado (A)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 101: Desenho espaço interior edificio rehabilitado (A)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 102: Desenho espaço interior edificio rehabilitado (A)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 103: Esquema desenvolvimento proposta edificio alterado (A)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 104: Ilustração Faiança Artística das Caldas da Rainha 1ª Exposição de M. Gustavo Bordalo Pinheiro, Sociedade de Bellas-Artes, Porto, 1907

Pinheiro, M. (1907). Faiança Artística das Caldas da Rainha 1ª Exposição de M. Gustavo Bordalo Pinheiro. [Em linha] museu bordalo pinheiro [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://museubordalopinheiro.pt/museu/biblioteca/fabrica-bordalo-pinheiro-catalogos-1906-1915/>

Figura 105: Planta piso téreo CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A) 1/200

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 106: Planta piso 1 CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A) 1/200

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 107: Planta piso 2 CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A) 1/200

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 108: Planta café + lavandaria 1/200

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 109: Planta CCC (Caldas Cerâmica creativa) (B) 1/200

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 110: Perspetiva interior CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 111: Perspetiva interior CCC (Caldas Cerâmica creativa) (B)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 112: Perspetiva exterior CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 113: Perspetiva exterior Planta CCC (Caldas Cerâmica creativa) (B)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 114: Constantin Brancusi Tabouret 1920

Brancusi, C. (1920). Tabouret. [Em linha] Centre POMPIDOU [Consult. Jun. 2023] Disponível em: <https://www.centrepompidou.fr/fr/ressources/oeuvre/cEbB8MR>

Figura 115: Constantin Brancusi Fauteuil automne 1933

Brancusi, C. (1933). Fauteuil . [Em linha] Centre POMPIDOU [Consult. Jun. 2023]: <https://www.centrepompidou.fr/fr/ressources/oeuvre/cGzxbG>

Figura 116: Corte construtivo CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

Figura 117: Pormenor (Caldas Multi-uso creativo) (A)

Fonte: Nicolas Monlouis, 2023

1-Introdução

Introdução

A globalização e o desenvolvimento do modernismo no século XX permitiram que arquitetos como Le Corbusier partilhassem os seus ideais e, em particular, o seu livro “Vers une architecture” (livro de teoria da arquitetura moderna) à escala internacional, posteriormente surgiram intercâmbios internacionais entre arquitetos como o CIAM (Congresso Internacional da Arquitectura Moderna). No entanto, na segunda metade do século XX, muitos escritores criticaram o movimento modernista e a sua ideologia de plano como uma resposta universal. Foi publicada a crítica de Paul Barker, Peter Hall, Cédric Price, Rayner Banham, “Non plan an experiment of freedom”. Desenvolveram-se alternativas, incluindo a “crítica regionalista”, com a importância do contexto e do território no processo de conceção arquitetónica. O processo de descolonização de Portugal, bem como a transição da ditadura para a república no final do século XX teve consequências económicas. Para responder aos seus desafios económicos e ao seu contexto de instabilidade, arquitetos portugueses como Álvaro Siza optaram por criar uma arquitetura menos normativa e padronizada, mas mais artesanal e vernácula. O escritor Kenneth Frampton descreveu essa mudança no seu livro “História crítica da arquitetura moderna, Crítica Regionalista”. A crítica regionalista portuguesa é representada através de novas construções, mas também da reabilitação. A reabilitação é uma solução eficaz para reduzir a expansão urbana e a expansão das cidades e suas periferias. A reabilitação pode ser definida como um processo de criação de um projeto arquitetónico

(espaço urbano ou edifícios) a partir de uma estrutura, ou de um espaço abandonado e não preservado. Não é a construção de um projeto num terreno baldio ou num espaço natural, mas a criação de arquitetura num território já alterado pelo homem. É uma solução sustentável que promove uma economia circular. No entanto, a reabilitação envolve riscos, porque uma alteração errada pode destruir a história e danificar a paisagem urbana existente e criar novos problemas, em vez de abordar inconvenientes e fraquezas à escala do edifício abandonado ou do espaço urbano. Aldo Rossi, na arquitetura da cidade, fala dessa questão através da noção de permanência: Um facto urbano determinado apenas por uma função não é utilizável além do tempo de aplicação dessa função... A sua forma faz parte integrante da forma geral da cidade, sendo, por assim dizer, um invariável ¹. Uma forma de reduzir esses riscos é compreender o “Locus” (A relação simultaneamente singular e universal que existe entre uma situação local específica e as construções que nela se encontram ²) antes de intervir no espaço ou edifício existente. Reabilitar em Portugal não representa os mesmos desafios que a reabilitação na Holanda poderia ter. No entanto, mesmo que criemos um novo programa, com o tempo e a evolução, é possível que o programa se revele inadequado para as necessidades dos utilizadores no futuro, tornando-se assim novamente um espaço abandonado. Assim, a criação de um novo projeto a partir de um espaço ou edifício abandonado deve ser projetada para acomodar diferentes tipos de programas em harmonia

1. ROSSI, Aldo - L'architecture de la ville, p. 60-61.

2. ROSSI, cit. 1, p. 141.

com a forma do edifício. O espaço modificado torna-se multifuncional e convive com a forma do edifício, o que lhe permite adaptar-se às necessidades dos utilizadores para evitar o abandono por eles de novo no futuro. Esta reflexão inclui a realização de dois projetos de reabilitação em dois contextos urbanos distintos, bem como referências arquitetónicas que apresentam mudanças bem-sucedidas que podem ser fontes. As áreas de intervenção foram selecionadas no centro histórico da vila de Caldas das Rainha, localizada na região de Leiria.

A metodologia utilizada no desenvolvimento desta reflexão está dividida em várias partes. Em primeiro lugar, uma primeira parte intitulada “Passado, presente, futuro” introduz uma definição de “ruína contemporânea”, os seus desafios e depois uma descrição da “crítica regionalista em Portugal” através de pesquisas individuais e estudos bibliográficos. A parte seguinte “Leitura Crítica do Território” apresenta uma reflexão crítica da cidade de Caldas da Rainha, é um trabalho coletivo. A análise da cidade divide-se em três fases: na fase inicial, estuda-se a evolução histórica desde a sua origem até à cidade atual, referindo-se aos aspetos humanos, sociais e culturais, e ainda nomeando os edifícios de interesse público que fazem parte da história das Caldas da Rainha e que são considerados decisivos para a compreensão da evolução e dinâmica social atual. A última parte “Reapropriação e evolução do existente” apresenta o desenvolvimento de duas propostas de reabilitação arquitetónica ligadas a uma reflexão

arquitetónica sobre um edifício e espaço abandonados identificados no centro histórico da cidade de Caldas da Rainha. Esta parte individual divide-se em duas fases: na fase inicial, estuda-se a evolução histórica e as características das áreas de intervenção (formas existentes). Na fase seguinte, desenvolveu-se o pensamento sobre as duas propostas. Através da reabilitação, foram realizadas questões sobre a forma existente alterada : o seu impacto no espaço urbano e na rua, a relação do interior ao exterior, a relação com a função, a sua materialidade.

2.Passado, presente, futuro

2.1 Ruína contemporânea

A palavra “ruína” pode ter vários significados. O objetivo desta parte não é dar uma definição universal, mas ajudar o leitor a compreender melhor o que chamamos de “ruína contemporânea” no desenvolvimento desta reflexão Cidade, Lugar e Ruínas – Formas de revalorização. Esta reflexão crítica não está ligada com as ruínas da antiguidade como Pompeia, não há ligação com a arqueologia e os restos de vários milhões ou milhares de anos. Esta reflexão aproxima-se do pensamento de Rosa Olivares, *the incomprehensible beauty of tragedy*: Não estou a falar da ruína clássica que Claude Lorraine pintou com os vestígios arquitetónicos de algum palácio ou templo no meio de uma floresta luxuriante e abandonada, junto a um lago ou a um rio. Não estou a falar de uma construção simbólica e intelectual, quer seja através da pintura ou da literatura.³ [Figura 1] O que é chamado ruína contemporânea nesta reflexão não é um elemento fictício, é um elemento real que tem um impacto na paisagem urbana da cidade na vida quotidiana. As ruínas contemporâneas podem ser identificadas de acordo com os seguintes critérios: são espaços abandonados ou edifícios ou estruturas, não preservados. Criam descontinuidades no espaço urbano, zonas mortas, espaços isolados e insalubres, perigosos e favoráveis à habitação informal.

As ruínas contemporâneas são desafios, mas também oportunidades. A reabilitação e reutilização de componentes e materiais de construção abandonados ajudam a reduzir os impactos ambientais, de custos e outros. A obra “Ciclos, Os Arquitetos que nunca deitaram nada

fora” é um exemplo [Figura 2]. Esta exposição apresenta práticas arquitetónicas contemporâneas e artísticas que se relacionam com dúvidas sobre o passado e o presente da construção e o futuro da indústria da construção. Esta exposição mostra a cumplicidade e o empenho da arquitetura nos intermináveis processos de redistribuição e transformação da matéria.

Essas construções abandonadas nas cidades aparecem por causa de vários fatores, incluindo desastres naturais, guerras e bombardeios. No entanto, eles podem aparecer através de um processo lento devido a fatores indiretos. De acordo com Aldo Rossi: Uma cidade pode mudar porque a sua riqueza económica exige fortes transformações no seu modo de vida.⁴ A economia é um fator que leva a mudanças e alterações na paisagem urbana da cidade com vantagens, mas também consequências nefastas: áreas abandonadas, não preservadas. Na Alemanha, no final do século XX, o movimento “Ruinismo” mostra as fraquezas e ameaças do fim da industrialização e seu impacto no meio ambiente e na sociedade, de acordo com Daniel Canogar: Os seus primórdios remontam aos anos 1970 no Ocidente, quando a sociedade industrial começa a declinar e é substituída por uma economia de serviços pós-industrial. Esta é a década em que Bernd e Hilla Becher começam a fotografar estruturas industriais abandonadas na Alemanha.⁵ [Figura 3].

3. OLIVARES, Rosa - *The incomprehensible beauty of tragedy*, p.17.

4. ROSSI, Aldo - *L'architecture de la ville*, p. 198.

5. CANOGAR, Daniel - *The pleasure of ruins*, p.43.



Figura 1: Landscape with Ruins, Pastoral Figures, and Trees pelo Claude Lorrain. c. 1650



Figura 2: Depósito em Santiago, 2020, Chile



Figura 3: Winding Towers n°IV, 1975. Bernd e Hilla Becher

2.2 Crítica regionalista em Portugal

Na Alemanha edifícios abandonados apareceram por causa do declínio da industrialização, no entanto em Portugal foi o processo de descolonização, bem como a transição da ditadura para a república no final do século XX que levou ao aparecimento de ruínas contemporâneas. O território e o fator económico não são os mesmos. A reabilitação na Alemanha e em Portugal não apresenta os mesmos desafios. Por isso, não é inteiramente adequado alterar uma construção abandonada sem pensar na sua relação com o território e outros fatores. Esta é a ideologia da crítica regionalista de acordo com Kenneth Frampton: Manifesta-se como uma arquitetura conscientemente delimitada, que, em vez de enfatizar o edifício como um objeto independente, coloca o destaque no território a ser estabelecido pela estrutura erguida no local. Esta forma-lugar significa que o arquiteto deve reconhecer o limite físico do seu trabalho como uma espécie de limite temporal - o ponto em que o ato presente de construção cessa.⁶ A crítica regionalista é considerada uma prática marginal, utiliza os aspetos emancipatórios e progressistas do movimento moderno e, ao mesmo tempo, rejeita a otimização normativa desse movimento. A palavra regional é usada porque esta crítica arquitetónica enfatiza certos fatores específicos do local: topografia, clima e luz. Há semelhanças entre a crítica regionalista e o livro de "Juhanni Pallasmaa, *Le regard des sens*": Não se aprecia uma obra arquitetónica como uma série de imagens retinianas isoladas, mas sim na sua essência material, corporal e espiritual totalmente integrada.⁷ O

regionalismo crítico centra-se não só na visão, mas também nos outros sentidos, estuda em detalhe percepções complementares, tais como diferentes níveis de iluminação, sensações ambientais de calor, frio, humidade e movimento do ar, diferentes aromas e sons emitidos por diferentes materiais em diferentes volumes, e até mesmo as sensações variáveis induzidas pelos acabamentos do pavimento, que fazem com que o corpo sofra alterações involuntárias na postura, marcha, etc. A crítica regionalista reúne diversos projetos e identidades, os projetos e propostas do arquiteto mexicano Barragan e do arquiteto catalão Ricardo Bofill não têm a mesma identidade e o mesmo caráter. A crítica regionalista em Portugal, pode ser identificada através do arquiteto português Álvaro Siza de acordo com Kenneth Frampton: Ele baseou os seus edifícios na configuração de uma topografia específica e na textura finamente granulada do tecido local. Para esse fim, as suas obras são respostas precisas à paisagem urbana, terrestre e marítima da região do Porto. Outros fatores importantes incluem o respeito pelos materiais locais, pelo trabalho artesanal e pelas subtilidades da luz local; um respeito que se mantém sem cair no sentimentalismo de excluir a forma racional e a técnica moderna.⁸ As reflexões e o pensamento de Álvaro Siza sobre a relação com o território, a ligação entre a tecnologia moderna e o artesanato estão presentes nos seus projetos como a casa dos Beires construída na Póvoa de Varzim, a habitação da Associação de Moradores da Bouça no Porto, SAAL Sao Victor Porto [Figura 4 e 5] e outros.

6. FRAMPTON, Kenneth - *Modern architecture: a critical history*, p.327.

7. PALLASMAA, Juhani - *Le regard des sens*, p.12.

8. FRAMPTON, cit. 6, p.317.



Figura 4: SAAL Sao Victor Porto Alvaro Siza

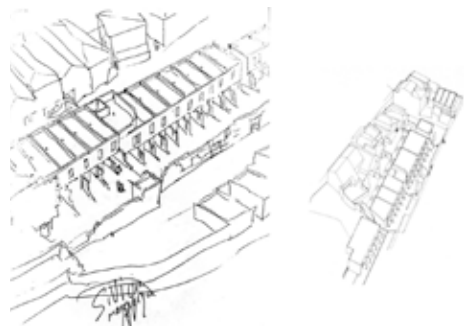


Figura 5: SAAL Sao Victor Porto Alvaro Siza
desenhos

3.Leitura Critica do Territorio

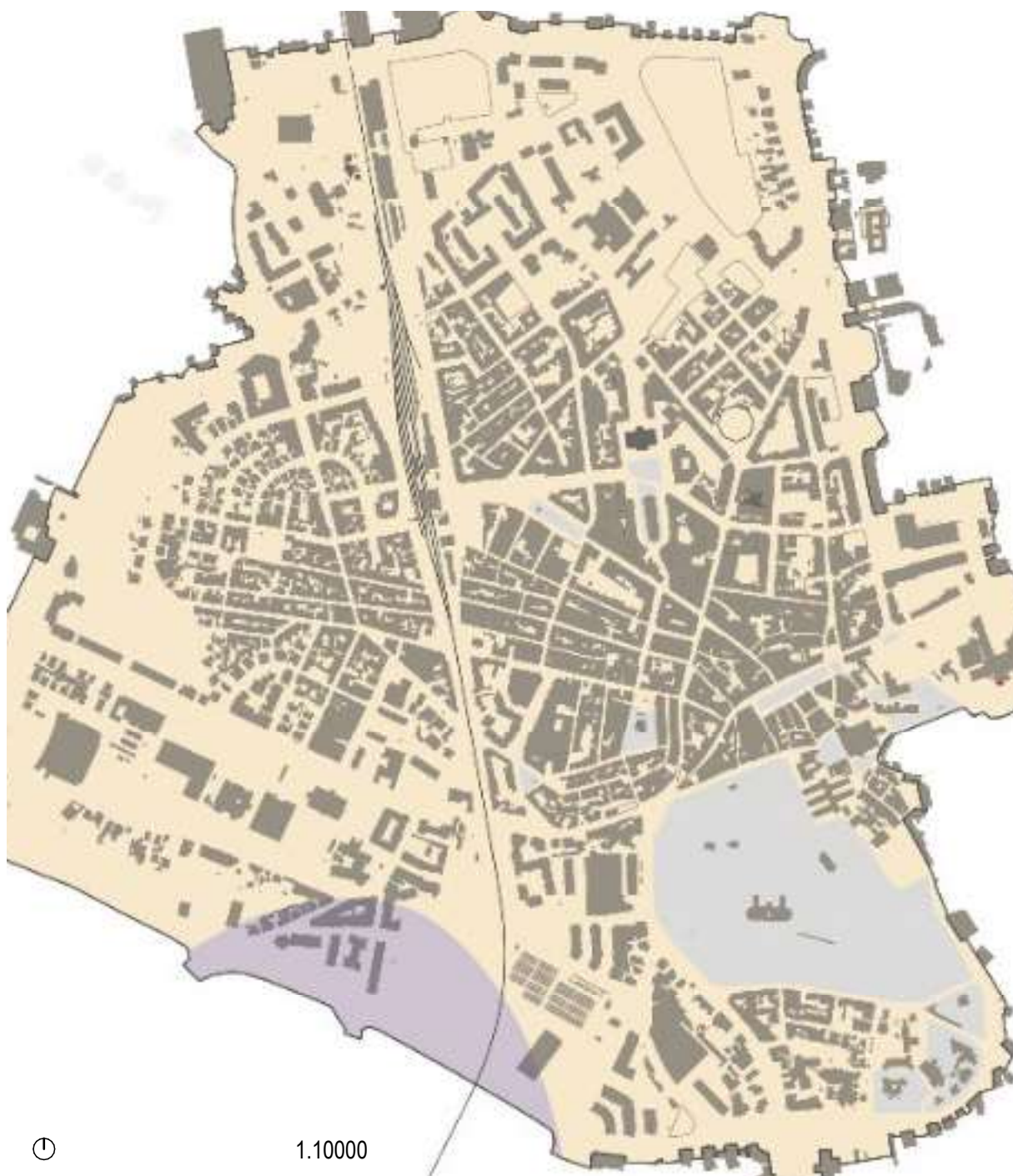
3.1 Biofísica

Foram estudadas as questões biofísicas da zona do Oeste e em especial da cidade das Caldas da Rainha de modo a que se percebe-se as condições da cidade, tendo em conta os usos do solo através do Plano Director Municipal ⁹ da cidade, linhas de água, exposições solares - com recurso ao programa QGIS e ao Google Satellite e tipo de solos. No que toca aos tipos de solos, nota-se que se encontram solos maioritariamente do Jurássico, ou seja, Grés e Argilas de diversas cores e, Pliocénico, Brechas Calcárias.¹⁰ Conclui-se que estes aspetos biofísicos configuram as condições necessárias para a evolução da cidade até chegar ao ponto em que se encontra hoje. Estando as linhas de água directamente relacionadas com a atividade termal e a abundância de solos argilosos relacionados com a atividade cerâmica, ambas impulsionadoras do crescimento da cidade.

9. CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS DA RAINHA. Planta de Ordenamento: Cidade de Caldas da Rainha. Caldas da Rainha, 2017. Escala 1:10.000. Disponível em: <http://www.rb.mcr.pt/webcenter/>

61x39 cm. Escala 1:1 000.000. Disponível em: <https://alma-mater.uc.pt/bibletras/item/44989>.

10. Mapa da composição de solos na área de estudo, adaptado de: DIRECÇÃO GERAL DE MINAS E SERVIÇOS GEOLÓGICOS. SERVIÇOS GEOLÓGICOS PORTUGAL Carta geológica - Portugal. Lisboa: [s. n.], 1952. 1 mapa: color.;



Tipos de Solo, Planta Aproximada

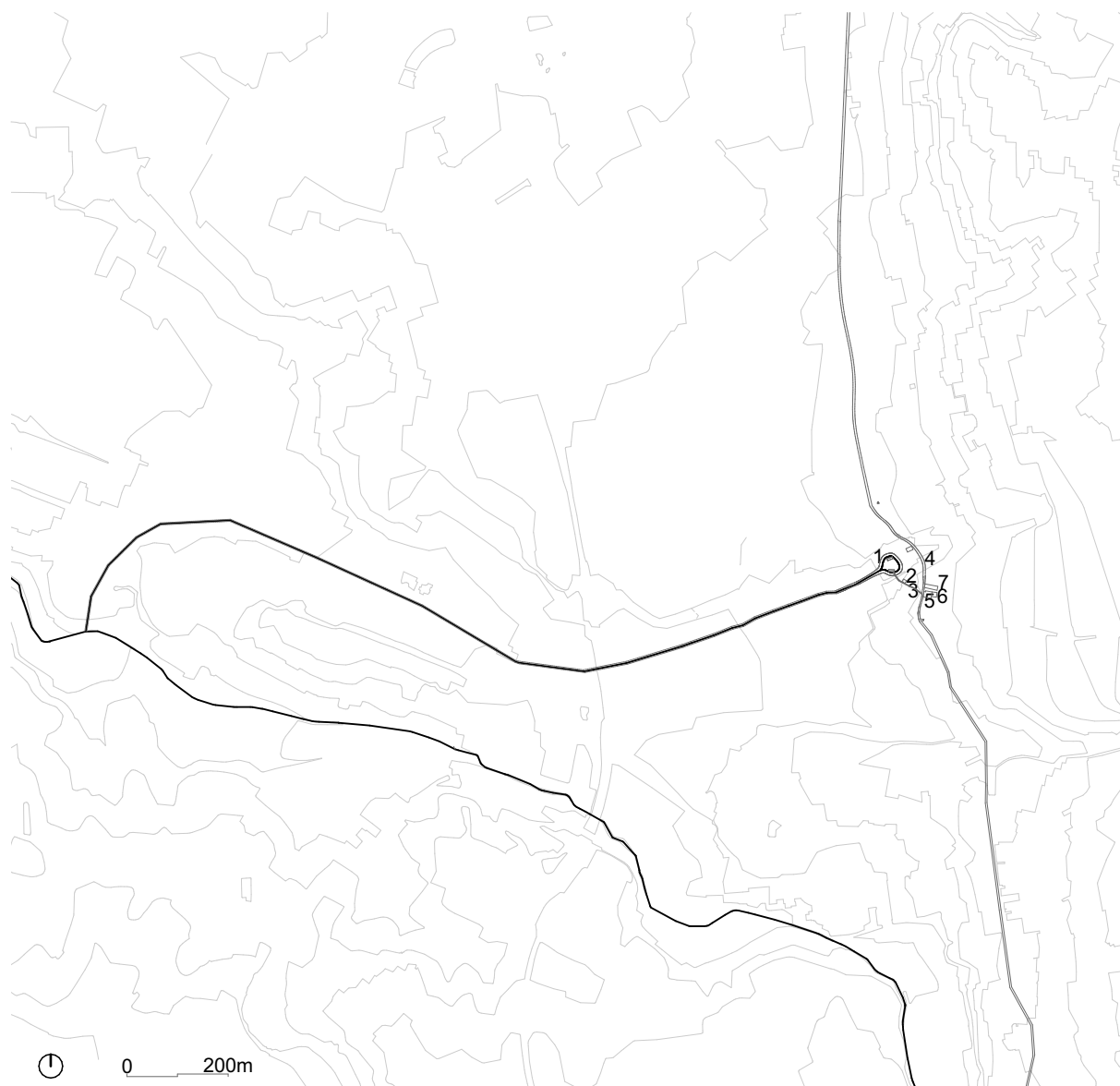
“Jurássico” - Grés e Argila de diversas cores



“Pliocénico” - Brechas Calcárias

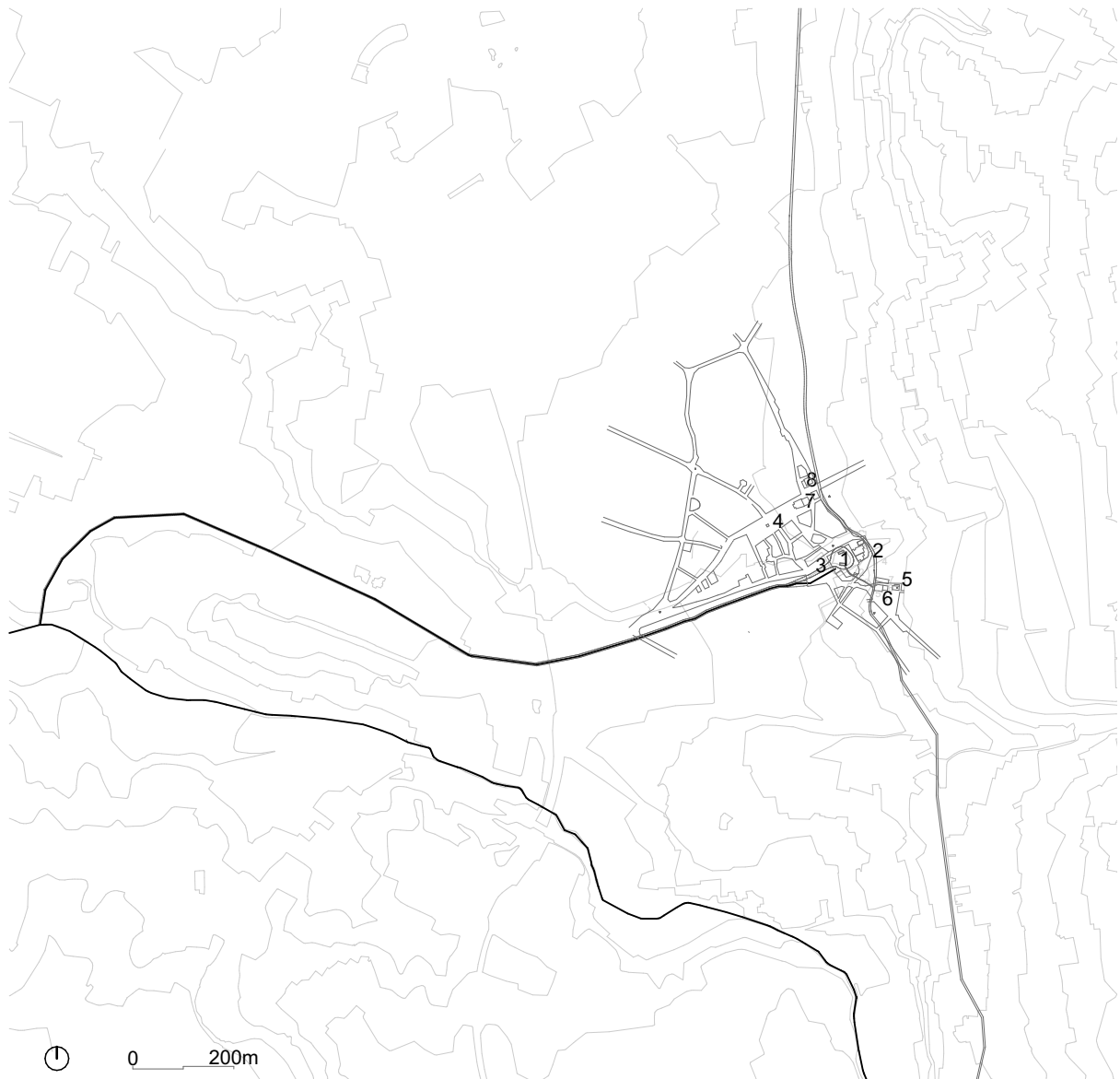


3.2 Evolução Histórica



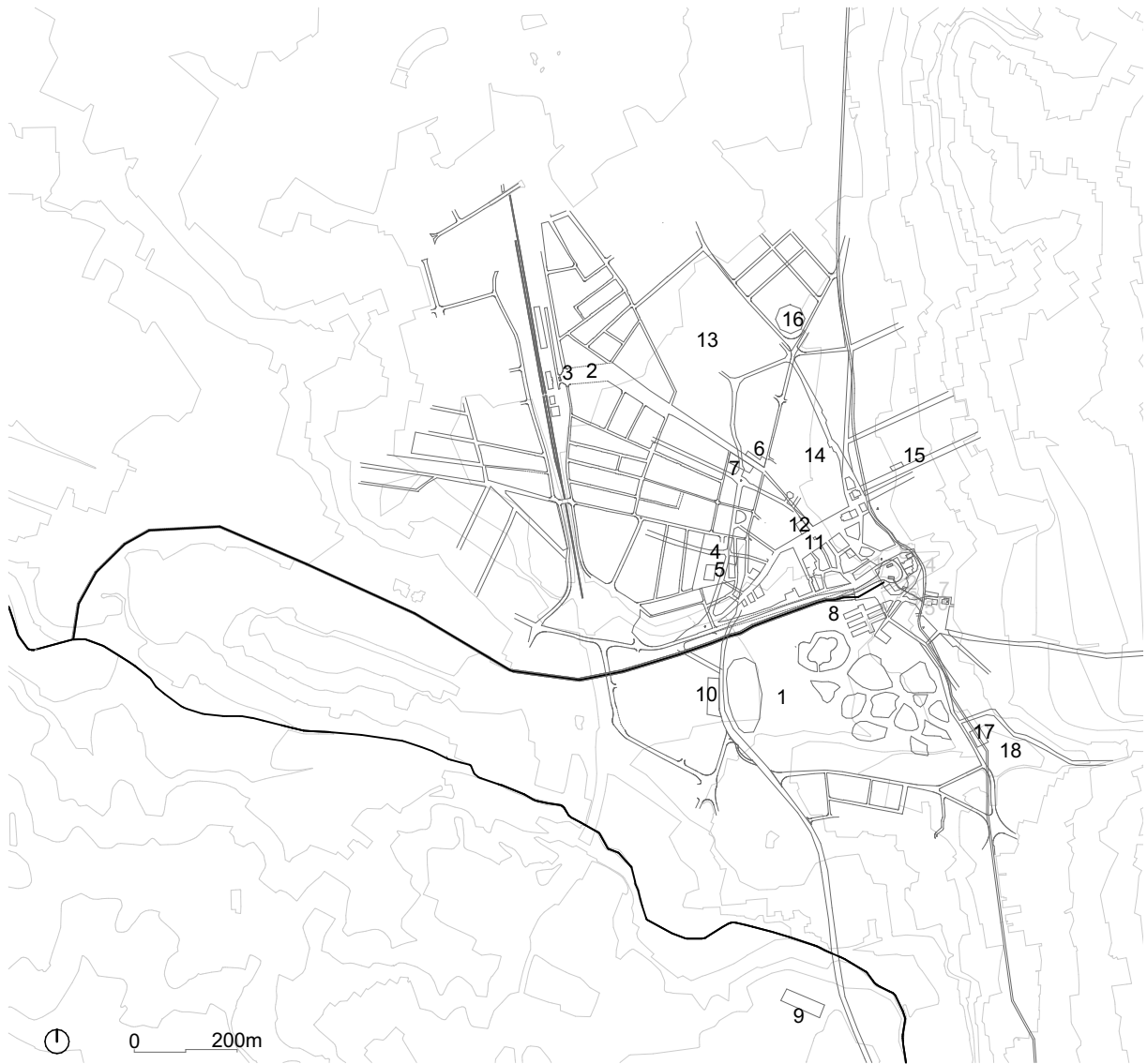
A criação da Cidade- Planta dos equipamentos balneares anteriores ao Hospital

1. tanque dos banhos (masculino)
2. estrada principal
3. terreiro do Espírito Santo
4. Caminho de acesso aos banhos
5. Ermida de S. Silvestre
6. Ermida do Espírito Santo
7. Albergaria (conjectural)



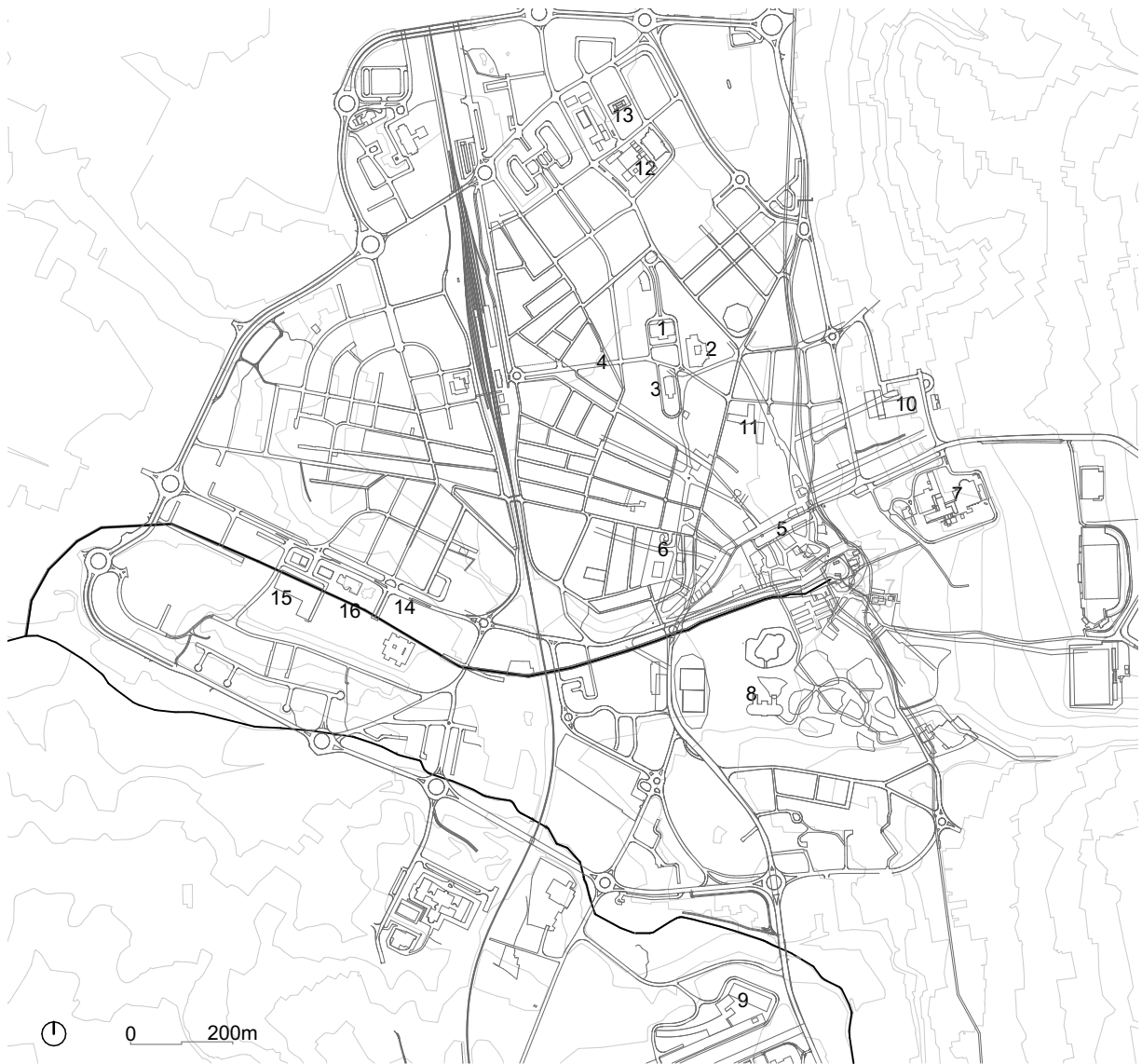
A criação da Cidade- Planta Medieval

1. Hospital Termal
 2. Casa Real
 3. Praça Velha
 4. Rossio
 5. Chafariz
 6. Largo do Espírito Santo
 7. Nossa Senhora do Rosário
 8. Nossa Senhora do Pópulo
-



A criação da Cidade- Planta após anos Oitocentistas

1. Paque
 2. Avenida da Independência
 3. Estação de Comboio
 4. Praça Nova (hoje 5 de Outubro)
 5. Teatro
 6. Hotel Leirience
 7. Hotel da Copa
 8. Pavilhões
 9. Hospital St. Isidoro
 10. Hotel Lisbonense
 11. Praça da República (antigo Rossio)
 12. Quartel bombeiros
 13. Cerca do Borlão
 14. Cerca Maria Carolina
 15. Hotel Rosa
 16. Praça de Touros
 17. Fábrica Bordalo Pinheiro
 18. Parque das Faianças
-



A criação da Cidade- Planta 1900-Actualidade

1. Tribunal
 2. Câmara
 3. Igreja Nossa Senhora da Conceição
 4. Avenida 1o de Maio
 5. Praça da Fruta (antigo Rossio)
 6. Praça 5 de Outubro
 7. Hospital
 8. Museu José Malhoa
 9. Esad
 10. CCC
 11. GAR
 12. Bombeiros
 13. GNR
 14. Biblioteca
 15. Pavilhão Multiusos
 16. Escola Hotelaria
-





Figura 11: Caldas da rainha Fotografia Aerea anos 20

De acordo com Saúl António Gomes em relação a um documento ¹¹ publicado por Manuel Sílvio Alves Conde, é possível atestar-se indícios de atividades termais nas «(...) imediações de Óbidos» ¹². O sítio em análise era identificado como um local «(...) para permanecer em tratamentos durante alguns dias (...)» ¹³ onde mais tarde se veio a desenvolver as Caldas da Rainha «(...) creio podermos aceitar que se trata, aqui, das Caldas junto de Óbidos.» ¹⁴ Assim, sabe-se que a Rainha D. Leonor encontrou, em 1484, um grupo de pessoas a banharem-se em «(...) poças de água fumantes e mal cheirosas» ¹⁵. Desde o século XIII que a vila das Caldas da Rainha era conhecida como As Caldas de Óbidos, originalmente desenvolvida a partir da vontade da Rainha D. Leonor em criar o primeiro hospital termal, em 1485 ¹⁶. Esta iniciativa surgiu da cura da Rainha depois de se banhar em águas quentes naquela região. ¹⁷ Desde então, «A villa das Caldas da Rainha é a mais concorrida terra d'águas da provincia da Extremadura» ¹⁸. Este local caracterizava-se por ser frequentado por leprosos e pessoas mais empobrecidas. Por consequência da popularidade e do grande uso desta zona para banhos termais, surgiu um conjunto de recursos e equipamentos balneários de carácter precário. Eram mantidos por estruturas informais de carácter popular e não tanto pela elite da época. ¹⁹ Só nos finais do século XV, é que estas infraestruturas começaram a ter atenção por parte da Casa Real ²⁰ que, por intermédio da Rainha D. Leonor, sofreram reformulações, definindo assim a localização de um Hospital. ²¹ «Nasceu assim

um grande hospital moderno, com o seu corpo clínico permanente, pioneiro (...) Foi, por outro lado, o primeiro (e único) hospital termal português». ²² Paralelamente, é relevante referir a súplica que a própria Rainha enviou ao papa Alexandre VI, compreendendo o interesse da Rainha na criação do hospital termal.: «No Território de Óbidos, no lugar chamado das Caldas (...) existiam certos banhos destruídos e quase totalmente incapazes (...) a dita rainha, movida pelo amor de Deus, fez ali edificar banhos às suas próprias custas, reparando câmaras e casas para as pessoas enfermas (...)» ²³ A partir daí, e como forma de garantir metodologias sociais e económicas que suportariam a atividade local e, com o propósito de consolidar a implantação do Hospital, o rei D. João II implementou algumas medidas que visavam assegurar a fixação de mais população no território. Através destas medidas foi possível assegurar e compreender uma maior importância da vila e da sua contribuição para a saúde pública do reino.

11. Documento publicado por CONDE, Manuel Sílvio Alves - Subsídios para o Estudo dos Gafos de Santarém (Séculos XIII-XV) in GOMES, Saúl António - As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII. 1ª ed. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 1994, p. 21

12. GOMES, Saúl António - As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII, p.21.

13. GOMES, cit. 12, p.21.

14. GOMES, cit. 12, p.21.

15. GOMES, cit. 12, p.22.

16. SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha, p.50.

17. Termo Caldas da Rainha in Nova Enciclopédia Larousse. Ed. n.º 3890. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. V, 1994, p. 1336-1337.

18. ORTIGÃO, Ramalho - Banho das Caldas e Águas Mineiras, p.85.

-
19. ORTIGÃO, cit. 18, p.85.
 20. ORTIGÃO, cit. 18, p.85.
 21. SERRA, João Bonifácio [et.al.] - Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes, p.171.
 22. SERRA, cit. 16, p.50.
 23. GOMES, cit. 12, p.23.

A Vila das Caldas da Rainha foi crescendo a nível demográfico e em 1491 o Rei D. João II atribuiu às Caldas o direito de possuir um juiz próprio que regularizasse e ordenasse as decisões fiscais do concelho.²⁴ Permitindo que as Caldas fosse independente da vila de Óbidos « (...) o monarca João II autorizou que a povoação fosse desanexada do termo de Óbidos (...) nos finais do século XV se principiou a estruturar uma povoação em seu redor.»²⁵ Contudo, só anos mais tarde, em 1511, é que o Rei D. Manuel I atribuiu oficialmente o estatuto de vila às Caldas da Rainha. Esta decisão foi motivada pelo facto de a vila ser, já na época, um regime autónomo com uma rede viária e equipamentos urbanos coletivos.²⁶ Com o aumento da população nas Caldas, tornava-se necessário mais área por onde a vila se pudesse expandir e, para esse efeito, foram utilizados vários terrenos de cultivo que existiam à volta da mesma. No entanto, as utilizações destes terrenos levaram a alguns conflitos com a autarquia vizinha de Óbidos, uma vez que a vila das Caldas da Rainha ainda não tinha definido e delimitado o seu território oficial. [Figura 12] Com o intuito de acautelar os problemas entre as Vilas de Óbidos e das Caldas da Rainha, o Rei D. Manuel I ordenou, que Rui Boto - chanceler da corte do reino - determinasse limites territoriais mais precisos para a vila das Caldas da Rainha, que se estabeleceram «(...) meia légua em volta do hospital.»²⁷ Ainda que, o crescimento da vila das Caldas da Rainha tenha sido notório, esta apresentava desvantagens quanto às suas infraestruturas urbanas. [Figura 13] No primeiro

levantamento cartográfico identificado em 1742 - da autoria de João Pedro Ludovice [Figura 14] - verificou-se que a população se concentrava junto aos espaços vazios, entre ruas e largos já existentes, em zonas predominantes da cidade e com maior atividade social. Ao estudar-se com maior detalhe a evolução da vila, evidenciaram-se alguns elementos que condicionaram o seu crescimento: as duas vias de comunicação, que faziam a ligação entre Coimbra, Lisboa (Norte-Sul) e Santarém e Peniche (Leste-Oeste); o hospital termal; a densidade arbórea e as terras semeadas.²⁸

24. GOMES, Saúl António - As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII, p.27.

25. SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha, p.50.

26. SERRA, cit. 25, p.50.

27. GOMES, cit. 24, p.29.

28. GOMES, cit. 24, p.177-179



Figura 12: Limites Aproximados do Termo da Vila das Caldas de 1511



Figura 13: Domínios Senhoriais Finais do Século XV



Figura 14: Planta da Vila das Caldas de 1742, da autoria de João Pedro Ludovice

No século XIX (1878-1890) houve uma grande expansão da atividade termal onde foi possível verificar-se um aumento da permanência de pessoas na vila das Caldas. Por consequência deste aumento, entendeu-se que seria necessário reformular o Hospital Termal com a ambição de tornar esta localidade numa estância termal de grande reconhecimento a nível europeu.²⁹ A reformulação do Hospital Termal pretendia modernizar as suas estruturas urbanas e reforçar as ligações e vias de comunicação da vila das Caldas até à capital do país, mas também, com o estrangeiro. Durante os anos seguintes (1890-1896), Rodrigo Maria Berquó³⁰ atingiu uma grande importância neste processo, orientando um conjunto de infraestruturas e projetos de lazer com a estratégia de aliciar banhistas de classe média e alta até à vila.³¹ «De facto, um verdadeiro terramoto se abateu sobre a pacata vila das Caldas durante a gestão de Berquó. (...) o que avulta na acção de Berquó nos 7 anos em que presidiu aos destinos do Hospital Termal, é uma inabalável determinação. Este homem não cede a pressões de contravapor, nem parece atreito a desânimos, não abranda o ritmo (...)»³². [Figura 15] O arquiteto projetou o Parque D. Carlos I com uma grande densidade de árvores de forma que a vila apresentasse infraestruturas no âmbito da prática desportiva e usufruísse de áreas destinadas ao lazer. Criou também o novo Hospital Termal D. Carlos I³³ [Figura 16] - destinado apenas aos internamentos - que tinha como objetivo fazer a divisão entre os balneários e o antigo hospital D. Carlos I. Ainda na visão deste projeto, Rodrigo

Berquó implementou um terceiro piso ao hospital original. [Figura 17] Contudo, as intervenções e os planos do arquiteto Rodrigo Berquó prosseguiram no contexto urbano da cidade. Ainda assim afirma-se que o mesmo, em parte, não chegou a ser terminado: «Este plano, que no seu desígnio mais profundo visava subordinar a racionalização e modernização urbanística das Caldas às prioridades e critérios do termalismo e do conceito de cidade termal, não foi totalmente cumprido.»³⁴

29. SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha, p.55.

30. Arquiteto que desempenhou um papel importante na cidade das Caldas da Rainha em simultâneo com o seu cargo de presidente da câmara.

31. SERRA, João Bonifácio - Caderno de História Local: Introdução à História das Caldas da Rainha, p.42-44.

32. SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha, p.109.

33. Designado, atualmente, como pavilhões do parque D. Carlos I

34. SERRA, João Bonifácio [et.al.] - Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes, p.175.



Figura 15: Rodrigo Berquó, visto por Rafael Bordalo Pinheiro, 1894

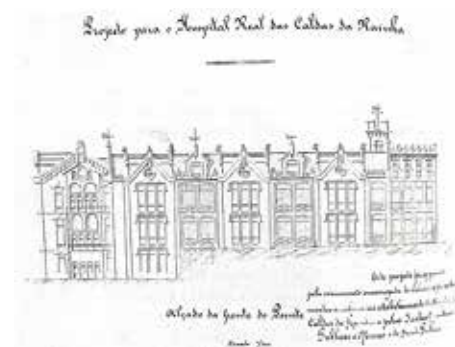


Figura 16: Projeto de Rodrigo Berquó para o Hospital D. Carlos. Alçada frente poente



Figura 17: Hospital antes do 3º piso projetado por Rodrigo Berquó.

Na continuidade do século XIX aquando do aparecimento da linha férrea do Oeste - (1887-1888) que fazia a ligação entre Torre Vedras, a Figueira da Foz e Alfaiolos - a vila das Caldas ganha uma maior importância e reconhecimento nacional [Figura 18]. Foi entre os anos de 1878 e 1890 que as Caldas da Rainha apresentaram um aumento mais significativo de população «O factor que mais pesou nesta conjuntura foi o termalismo. As Caldas tornaram-se as termas da moda numa época que fez moda das termas.»³⁵ Não só com o aparecimento do caminho de ferro do Oeste e, por este passar pelas Caldas, mas também, pela passagem na vila de uma estrada que fazia a ligação ao norte do país.³⁶ Por intermédio da afluência de pessoas à vila, criou-se em 1890 uma nova avenida - actual Avenida da Independência Nacional³⁷ - que pretendeu fazer a ligação entre a estação de comboio e a Praça da República³⁸. Foi também, neste ambiente cosmopolita e de grande evolução da cidade, potenciada pela influência do termalismo que surgiram as indústrias cerâmicas e novos bairros que expandiram e marcaram o século XX na vila.³⁹ Ainda assim, perante todo este cenário de evolução e crescimento, apenas no século XX, em 1927, a vila das Caldas da Rainha passa oficialmente a cidade, com cerca de 7000 habitantes.⁴⁰ Nos anos seguintes, concretizou-se o plano de urbanização da cidade, pelo Arquitecto Paulino Montês «(...) é convidado a elaborar um “estudo de urbanização” da nova cidade (...) esse primeiro instrumento de planeamento propõe como grandes prioridades a urbanização pela Câmara

das cercas de Maria Carolina (os actuais bairros onde se situam os edifícios do Montepio e da Rodoviária Nacional) e do Borlão (o conjunto que tem como epicentro a Praça 25 de Abril), vastas áreas de particulares que haviam resistido ao avanço da cidade (...) orientou com eficácia o crescimento e disciplinou as áreas antigas (...).»⁴¹ [Figura 19] Assume-se assim que, o plano de urbanização do arquitecto pretendia não só, consolidar malhas urbanas antigas, como também - à semelhança dos bairros e da praça da Igreja N.ª Sr.ª da Conceição, do Tribunal e da Câmara Municipal - incluir na cidade espaços com funções administrativas e comerciais.⁴²

35. SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha, p.55.

36. SARAIVA, José. (2002), Caldas, Capital por Conta Própria, minuto 07 '30 de 26' 04s

37. Designada, actualmente, como Avenida 1.º de Maio.

38. Designada, actualmente, como Praça 25 de Abril.

39. SERRA, cit. 35, p.55-57.

40. SERRA, cit. 35, p.55-57.

41. SERRA, cit. 35, p.59.

42. SERRA, cit. 35, p.59.



Figura 18: Chegada Imaginária do comboio às Caldas da Rainha por Rafael Bordalo Pinheiro (30 de Junho de 1887)



Figura 19: Caldas da Rainha 1925. Mapa com desenho de Fernando Correia (1893-1967)

É no século XIX, por intermédio de todos estes fatores evidenciados anteriormente, que a cidade das Caldas da Rainha ganha prestígio e destaque para o resto do país.⁴³ Aliado a este reconhecimento, já no final deste século inauguram-se as indústrias de cerâmica e uma Escola de Desenho - determinada a formar técnicos de cerâmica - assim como, a Fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro [Figura 20]. Com estas atividades, vários moradores da cidade das Caldas da Rainha iniciaram a sua aprendizagem nesta arte. Desta forma, criou-se uma relação mais próxima da cidade com as artes, surgindo pequenos negócios artesanais.⁴⁴ A fundação da Escola de Desenho e o crescimento da área artística possibilitou que, no século XX, não só emergissem vários artistas Caldenses, como também a economia - pois os negócios dependiam, em parte, destes comércios e consumos da sua própria região⁴⁵ [Figura 21]. Todo este crescente social e económico implementou um maior rigor e técnica na Vila das Caldas da Rainha: «Aliados ao cosmopolitismo da frequência termal, ao surto da cerâmica artística e decorativa, ao ensino do desenho, criaram uma exigência de construção técnica e esteticamente cuidada (...)».⁴⁶

43. SARAIVA, José - Horizontes da Memória, Capital Por Conta Própria, Caldas da Rainha, 2002, minuto 07 '20 de 26' 04s

44. Ibidem, minuto 09 '00 de 26' 04s.

45. Ibidem, minuto 09 '50 de 26' 04s.

46. SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha, p.58.



Figura 20: Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha



Figura 21: Aspeto da loja do Pavilhão de vendas da Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro (foto da época)

3.3 Evolução Demográfica e Económica

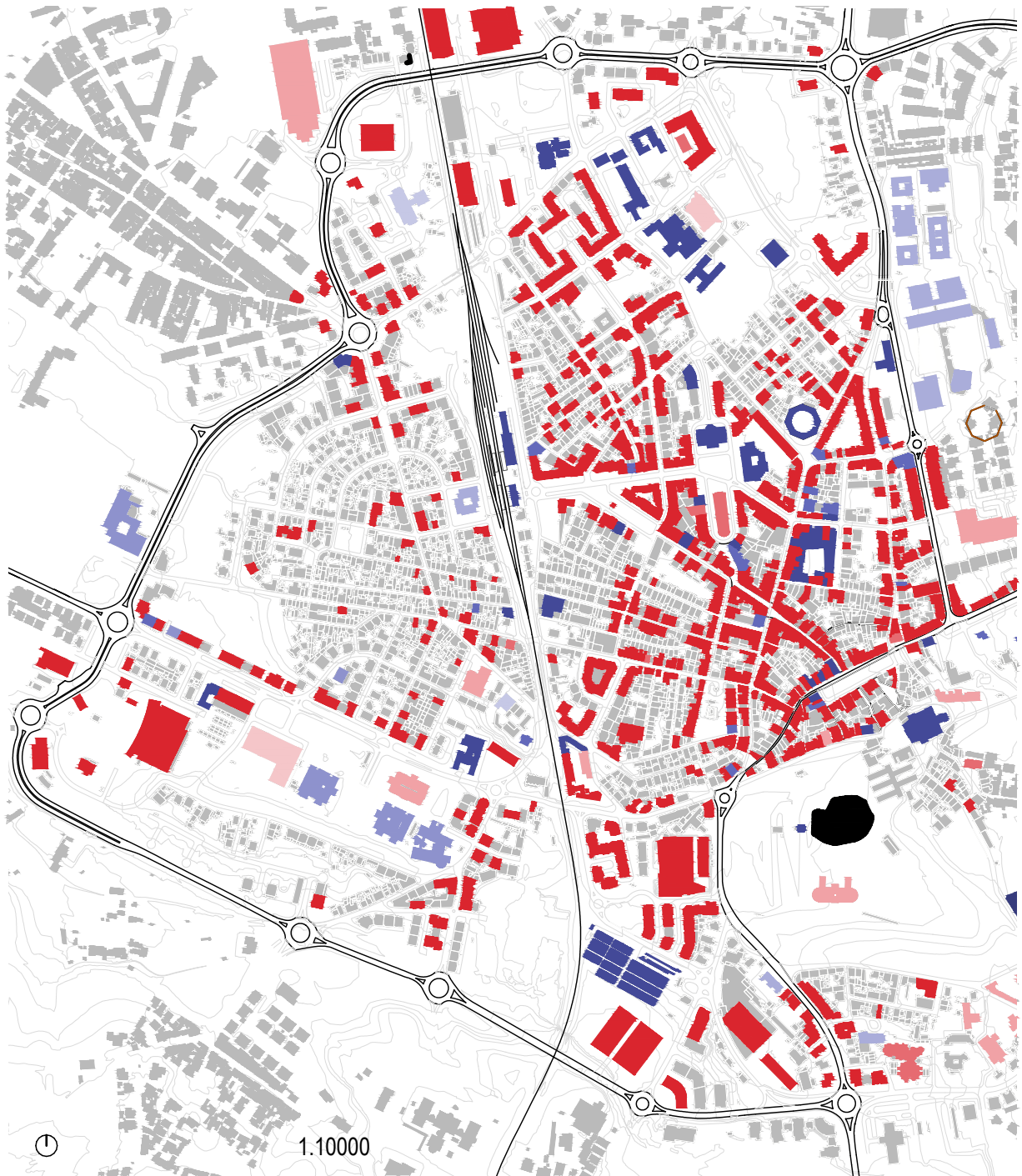
Estudaram-se os Censos ⁴⁷, através de dados demográficos dos anos de 2001, 2011 e 2021, tanto a nível nacional, como do município das Caldas da Rainha e das freguesias do qual faz parte a cidade - Santo Onofre e Serra do Bouro e Nossa Sr.^a do Pópulo, Coto e S. Gregório - analisando as suas dimensões económicas, populacionais e as condições do alojamento e do edificado. Os gráficos mostram, a nível municipal, um aumento significativo da população na década de 2001 a 2011, contudo já se vem a sentir a perda de população, nos últimos Censos de 2021, com uma diminuição populacional de 1,6%. A nível das freguesias mencionadas, nota-se uma geral estagnação populacional na União de Freguesias de Santo Onofre e Serra do Bouro, no entanto, a União de Freguesias de Nossa Sr.^a do Pópulo, Coto e S. Gregório, apresenta um ligeiro aumento de população. Como tem acontecido com o resto de Portugal continental, não sendo as Caldas da Rainha exceção, tem aumentado a população estrangeira residente. Em 2020, registou-se a existência de 3.610 imigrantes no município, perfazendo 6,9% da população à data. ⁴⁸ Sabe-se que Portugal é um país envelhecido, e este município é também prova disso. A última década, apresenta um aumento considerável na faixa etária de mais 65, enquanto as faixas etárias anteriores, perdem população. Em relação aos edifícios existentes no município, é de salientar as épocas de construção que se destacam pelo aumento de construção de edifícios nas Caldas da Rainha, entre os anos 60 e 90, onde se depreende uma evolução e necessidade de crescimento

do centro da cidade. Elaborou-se um mapa de utilidades ao nível do piso térreo, com o objetivo de compreender o modo de vida da cidade, os pontos de encontro e de permanência dos visitantes e residentes. São, assim, mapeados os edifícios relacionados com o desporto, ensino obrigatório, ensino secundário, saúde, pré-escolar, serviços públicos, comércio, indústria, religião e cultura. Relativamente aos edifícios com funções comerciais, culturais e de atividades relativas à saúde, denota-se uma certa discrepância na sua distribuição. A nascente da linha ferroviária existe uma forte presença de estabelecimentos comerciais, enquanto que, do lado oposto, a poente, esta presença não se verifica com a mesma intensidade. Os edifícios de serviços públicos, como o tribunal e a Câmara Municipal, e os estabelecimentos relacionados com a saúde apresentam a mesma lógica de distribuição anteriormente descrita, agora a nascente. Para regalo da população local, as restantes tipologias mapeadas nesta planta, como igrejas, estabelecimentos culturais e de ensino, estão relativamente bem distribuídas. No entanto, a poente, estes estabelecimentos, com exceção das escolas, estão localizados quase exclusivamente a sudoeste. Depreende-se que esta área é predominantemente residencial, o que poderá explicar a maior presença de escolas nesta parte da cidade. Infere-se que é exatamente devido à existência em grande número de estabelecimentos comerciais, de serviços públicos, de espaços culturais e históricos, que há uma maior mobilidade, a nascente da linha ferroviária. Assume-se que a cidade parece estar,

47. CENSOS 2021. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

48. Dados retirados do Observatório das Migrações – Imigração em Números, Relatório de Estatística Anual, 2021, p. 49.

maioritariamente, dividida, com maior área residencial a ponte e outra área, maioritariamente, de usos mistos a nascente da linha de comboio.



Mapeamento de Utilidades ao nível do Piso Térreo - Mapeamento dos Usos na Cidade

Desporto	
Ensino Obrigatório	
Ensino Superior	
Saúde	
Pré-Escolar	
Serviços Públicos	
Comércio	
Indústria	
Religioso	
Cultura	

3.4 Mobilidade

Considerou-se também a questão da mobilidade na cidade e para a cidade. O acesso à cidade das Caldas da Rainha é feito pelas infraestruturas rodoviárias N114, A8, N360, N115 e N8. Após a análise foi verificado que um dos primeiros acessos rodoviários a servir a cidade foi a N8 e que ainda hoje faz a ligação entre Leiria e Lisboa, aparecendo mais tarde a via A8 fazendo o mesmo percurso. Para além destas existem ainda: a estrada N114 que liga Peniche a Évora; a estrada N115 que faz a ligação entre as Caldas da Rainha e Lisboa e a estrada N360 entre a Foz do Arelho e Fátima.⁴⁹ Verificando a mobilidade na cidade - recorrendo ao uso de mapeamentos de carreiras interurbanas e de rede de transportes - foi possível entender quais os transportes públicos que permitem o acesso à cidade a nível distrital e que carreiras interurbanas atravessam o concelho. Entendeu-se que a linha férrea do Oeste - construída no século XIX - assegura a ligação entre a Figueira da Foz até Lisboa, embora não seja muito utilizado pela população.

No entanto, as carreiras rodoviárias do Tejo, são o principal meio de transporte da população⁵⁰, pois garantem a ligação entre as Caldas da Rainha até às suas cidades vizinhas. Do mesmo modo, teve-se também em consideração a mobilidade interna na cidade - Rede de transportes urbanos (TOMA). Em 2007 a Câmara Municipal das Caldas da Rainha criou o projeto TOMA, com o objetivo de melhorar a mobilidade urbana e, desta forma, diminuir o número de automóveis dentro da cidade, estando a contribuir para um desenvolvimento

sustentável. Este projeto iria também permitir uma maior facilidade nos acessos aos principais pólos geradores de tráfego - o centro da cidade, os estabelecimentos de ensino, terminais de transporte, equipamentos desportivos, Hospitais e Centros de Saúde. O projeto iniciou-se com apenas duas linhas - Linha Laranja e Linha Verde - e em 2009 criou-se a linha Azul. Em 2014 houve um reforço na Linha Verde com o intuito de facilitar o transbordo diário escolar, nos dias úteis, influenciando várias zonas da cidade - Cidade Nova, Bairro da Ponte e Bairro das Morenas.⁵¹

49- RODOVIÁRIA DO OESTE. Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas Rocaldas [Em linha]. Caldas Da Rainha

50- Rodoviária do Oeste, rodoviária do Lis e as carreiras rápidas.

51- CAMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA. TOMA. Projeto Piloto de Transporte Urbano



Vias de Comunicação de Acesso à Cidade- Ligações Rodoviárias

N114	
A8	
N360	
N115	
N8	

3.5 Análise SWOT

Como forma de sintetizar e compreender a informação recolhida, na última fase de trabalho em grupo, e por intermédio de visita e de observação da cidade, elaborou-se uma SWOT analysis (Strengths/Weaknesses/Opportunities/Threats) das Caldas da Rainha.

Forças:

- A linha férrea, pressupondo que o novo projeto da REFER se concretiza e a cidade das Caldas da Rainha combate em tempo e em distância as grandes cidades, como o Porto e Lisboa; [Figura 23]
 - O turismo ligado à sua tradição artística e termal;
 - A Escola Superior de Artes e Design (ESAD), pertencente ao Politécnico de Leiria, mas com campus na cidade das Caldas da Rainha. Ponto de referência para jovens estudantes e novos artistas para a cidade; [Figura 24]
 - O Parque D. Carlos I, pela sua intemporalidade;
 - O comércio;
 - A sua história e referência pela figura Raphael Bordallo Pinheiro e seus reconhecimentos artísticos, nomeadamente a cerâmica;
 - Facilidade de mobilidade, indo ao encontro do conceito urbano da Cidade dos 15 minutos;
 - Serviços e equipamentos públicos.
-



Figura 23: Linha do Comboio



Figura 24: Escola Superior de Artes e Design

Fragilidades:

- O estacionamento e todos os espaços vazios da cidade serem aproveitados para estacionamento de automóveis; [Figura 25]
 - O grande número de ruínas e edifícios degradados e/ou inacabados; [Figura 26]
 - O sistema de transportes urbanos Rede TOMA [Figura 27]
 - O acesso até à Escola Superior de Artes e Design (ESAD);
 - Os acessos pedonais;
 - A existência de poucos espaços verdes;
 - A débil relação entre o lado nascente e o lado poente da cidade, por intermédio da infraestrutura pré-existente - linha férrea - que se torna uma barreira física para a cidade.
-



Figura 25: Estacionamento num lote vazio



Figura 26: Ruínas na cidade. Rua Diário de Notícias



Figura 27: Rede de Transporte urbano TOMA

Oportunidades:

- A criação de possíveis espaços de permanência;
- O aproveitamento dos vazios existentes no interior dos quarteirões;
- O aproveitamento de estruturas;
- A requalificação e prolongamento da ciclovía;
- A recuperação do termalismo na cidade.

Ameaças:

- O excessivo número de automóveis na cidade;
 - O alinhamento dos edifícios; [Figura 28]
 - O descontrolo da escala do edificado.
-



Figura 28: O alinhamento dos edifícios



Planta de oportunidades

Espaço Público	
Lago Parque Dom Carlos I	
Edifício em Ruína	
Vazios Estacionamento	
Vazios Estacionamento Murado	
Vazios Lote	
Vazios Lote Murado	



Planta conjuncto de proposta revalorização da cidade

Espaço Público 

Propostas 

3.6 Edifícios Relevantes

Observa-se também que é característico da cidade atual, a diferença de escalas do edificado e que se constitui numa marca da passagem do tempo. Numa primeira instância, a cidade inseriu edifícios de pequena escala apenas com um ou dois pisos. Com o passar do tempo, e naturalmente, com o crescimento demográfico da cidade compreende-se um segundo momento - marcado pelo início do Estado Novo - onde o edificado aumenta o número de pisos - entre os três e os cinco. Por último, evidenciam-se os edifícios de grande escala na cidade, com cerca de nove a doze pisos. Todas estas marcas da passagem do tempo influenciam a leitura e compreensão da cidade ao mesmo tempo que vinculam as épocas, a história e os períodos que definem a cidade atual. Neste seguimento, ainda que os propósitos sejam diferentes aos do século XV, a cidade das Caldas da Rainha apresenta, hoje, no século XXI, um conjunto de edifícios com história que vem da sua origem. Neste seguimento, estudou-se, os seguintes edifícios e/ou espaços notáveis:

Iniciada a construção do Hospital Termal das Caldas da Rainha no ano de 1485, e a abertura em 1488 por intermédio da Rainha D. Leonor (1458-1525), esposa de D. João II (1455- 1495), foi o primeiro complexo termal que assume o papel pioneiro (inter)nacional, que suporta a história, e evolução e formação da cidade. Este foi implantado sobre nascentes de água sulfurosa com benefícios terapêuticos para a cura de doenças como a reumatismo. Contudo, este equipamento foi uma operação política complexa por ter intenção de converter um descampado numa povoação. Esta instituição assistencial desenhada com base no paciente, onde os programas arquitetónicos apresentam uma organização moderna marcada pela simetria, proporção e regularidade, face aos hospitais mediavaís da época. Este incorpora áreas para banhos com separação de sexo, balneários masculinos e femininos, unidades de enfermarias para internar os doentes, uma área clínica de observação e acompanhamento da cura termal durante a estadia do doente, uma botica que fabrica os próprios medicamentos e um clube - com um salão de baile, um gabinete de leitura e uma pequena biblioteca. O hospital termal foi requalificado e modernizado ao longo da sua história, para melhoria da qualidade da estadia e da higiene dos doentes no complexo. É no largo da Rainha D. Leonor que são apresentadas as marcas históricas dos vários tempos deste núcleo termal, composto pela Igreja da Nossa Senhora do Pópulo, que não sofreu nenhuma alteração desde a sua fundação, o edifício Joanino que marca a presença do rei D. João V (1689-1750) no sé

culo XVIII, assim como o clube de recreio, os pavilhões do parque e o parque que consolida a estância de forma romântica, realizado pelo arquiteto Rodrigo Maria Berquó.



Figura 31: Hospital Termal Caldas da Rainha, Balneario novo



Figura 32: Hospital Termal Caldas da Rainha, Fachada Principal

A Praça da República, conhecido como Praça da Fruta, localiza-se entre o centro histórico e o atual centro administrativo, onde a atividade comercial iniciou-se no século XV e os hábitos dos produtores e vendedores das zonas periféricas perduram até aos dias de hoje. “Tornando-se o centro de uma região agrária em crescimento, com bons campos para produções diversas, desde vinho, azeite e cereais até à preparação de lanifícios e ao arroteamento de terras para o cultivo dos mais variados produtos. Era também encontro de oleiros que ali se dirigiam para vender as suas peças de utilização doméstica” (in Terras de Água, pág. 70) Com o desenvolvimento económico e cultural desta zona, o dinamismo do mercado permitiu às Caldas da Rainha a construção do primeiro edifício administrativo, político e económico, sobre ordem de D. João V. A Praça da Fruta que se apresenta o ponto de encontro da economia caldense mais ativo da cidade, representando a nível nacional uma multiplicidade de usos que o mercado proporciona e a como incentiva o estímulo monetário. Terra de Águas – Caldas da Rainha História e Cultura: “No mercado se trocam “novidades”, se combinam negócios, se discutem alianças, se aprazam casamentos.” (pág.382). Em 1880, a Câmara Municipal realiza um plano de obras para a ampliação da rede sanitária da cidade e embelezamento da Praça da Fruta. Este espaço é composto por um tabuleiro central regular, o seu pavimento é desenhado com um jogo de calçada portuguesa em branco e preto, sendo que o seu desenho foi mantido na intervenção de regeneração da

identidade arquitetónica caldense. A Praça da República para além de ser o ponto principal de comércio regional, demonstra as tendências da arquitetura urbana as primeiras manifestações românticas das Caldas da Rainha. O uso da cerâmica local também está presente na Praça da República, com revestimentos cerâmicos nas fachadas dos edifícios, denunciando a influência de “Art Nouveau”, enquadrando o cenário romântico do cotidiano do mercado.



Figura 33: Mercado da Fruta, Praça da República



Figura 34: Mercado da Fruta, Praça da República



Figura 35: Mercado da Fruta antigamente

Durante o século XVIII, as Caldas da Rainha passaram por um período de transformação em diversos aspetos, sendo um deles o termalismo e toda a sua envolvente. Em 1799, foi construído o Passeio de Copa, atual Parque D. Carlos I, no terreno da antiga Quinta do Hospital, com o propósito de dar aos doentes um momento de passeio aliado à recuperação (Camara, 2011). De modo a oferecer um ponto de sociabilidade aos termalistas e aos seus acompanhantes, em 1837, foi criado o Clube Recreativo. Em novembro de 1889, Rodrigo Berquó, teve a ideia de transformar o Passeio de Copa e o campo de vinhas que o cercava num parque arborizado, tendo como propósito privilegiar a natureza, através do romantismo e liberalismo, originando assim o Parque D. Carlos I. Berquó teve, desde o início o intuito de construir um grande lago central que possibilitasse a dinamização de diversas atividades com as regatas em barcos a remos, atraindo não só os termalistas como também os locais, tornando-se assim uma das melhores infraestruturas criadas para o desenvolvimento das práticas turísticas locais. À medida que os anos passavam, foi sendo necessário evoluir e inovar a nível social e recreativo de modo a proporcionar, à população, uma melhor utilização dos seus tempos livres, transformando-se num local-chave para o convívio e a sociabilidade (Hipólito, 2014). Nos dias de hoje o Parque D. Carlos I possui 7 entradas ao longo da Rua de Camões e da Rua Rafael Bordalo Pinheiro. O mesmo divide-se em três zonas: a de recreio ativo, que é caracterizada pela zona onde a maior

parte dos utentes se concentra quando visita o parque, situando-se quatro cortes de ténis em saibro e respetiva casa de apoio, um parque infantil, uma casa de chá, um coreto oitocentista, um lago, a Casa dos Barcos e o Museu Malhoa, que ocupa uma posição central no parque. A zona de recreio passivo está localizada essencialmente a sudeste da área do parque, onde estão inseridos povoamentos de maiores ou menores dimensões. Por fim exista a zona da mata, que apresenta um declive acentuado, estende-se a sul do museu, ocupando cerca de ¼ da área total do parque (Camara, 2011).



Figura 36: Céu de Vidro do Clube de Recreio do Parque D. Carlos I



Figura 37: Lago do Parque em dia de regata, coleção Miguel Chaby



Figura 38: Parque D. Carlos I, projeto de Rodrigo Berquó, 1889

Acredita-se que é nas praças que se desenvolvem os mercados, onde é possível verificar essa afirmação na Praça da Fruta e também na Praça do Peixe, atual Praça 5 de Outubro, que surge nos finais do século XIX. Visto que o mercado do peixe acontece em um edifício que se encontra na proximidade da Praça da Fruta, a Praça 5 de Outubro passou a ter um caráter lúdico (Oliveira, 2016). As Caldas da Rainha têm uma panóplia de atrações turísticas tendo sempre ao seu redor um ponto de referência importante para a cidade, no caso da Praça 5 de Outubro, foi o primeiro teatro caldense, o Teatro Pinheiro Chagas, arquitetado durante 15 anos na última década do século XIX. Este posicionava-se em um dos polos da praça, o que proporcionava um bom ambiente para quem visitava a praça, originando uma boa dinâmica praça-teatro. No entanto foi demolido em 1992 (Oliveira, 2016). A regeneração de 2007 deu um caráter mais livre e aberto à praça, trazendo de volta a afinidade cultural que a mesma tinha, através de um anfiteatro em ilha ao ar livre [Figura 3], reproduzindo o palco do Teatro Chagas Pinheiro. Para além disso, a praça recebeu um parque de estacionamento subterrâneo o que fez com que mais pessoas usassem a mesma, devolvendo o movimento que a mesma tinha no início (Oliveira, 2016).



Figura 39: Mercado do Peixe na Praça 5 de Outubro, em 1930



Figura 40: Teatro Pinheiro Chagas na Praça 5 de Outubro, em 1935



Figura 41: Anfiteatro central na Praça 5 de Outubro, em 2022

A fábrica das Faianças das Caldas foi fundada em 30 de junho de 1884, deixando Rafael Bordallo Pinheiro responsável pelos aspetos técnicos e artísticos e seu irmão Feliciano Bordallo Pinheiro pelas vertentes organizacionais. Rafael acompanhou ainda o desenho arquitetónico particular das instalações que incluíam um espaço para a escola de olaria, onde foram ministrados vários cursos da especialidade. Na fábrica de Rafael Bordallo Pinheiro, centenas de modelos cerâmicos de singularidade, assentes em tradições locais, cerâmica caldense, adotando a fauna e a flora como inspiração decorativa. A sua produção cerâmica, especialmente pela sua qualidade artística, ganhou uma grande projeção e tornou-se um polo nacional de atração. Bordallo também modela personagens portuguesas do dia-a-dia com ousadia e notável e, nos seus azulejos, cria motivos com influências amplas e diversas. A fábrica Bordallo Pinheiro foi fundada em 1907, por iniciativa de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, filho do mestre Rafael Bordalo Pinheiro. Construído atrás do Parque D. Carlos I, foi construído perto do local onde foi instalada a antiga fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. Foi precisamente nesta unidade industrial que Rafael Bordallo Pinheiro foi diretor entre 1884 e 1905, e onde foi considerado ceramista. Com a morte de Rafael Bordalo Pinheiro em 1905, a fábrica foi vendida ao público e desmantelada. Foi neste contexto que Manuel Gustavo decidiu criar a fábrica bordallo Pinheiro e continuar o trabalho do pai, atividade que a nova fábrica mantém até hoje. Apesar da manutenção da produção de

cerâmica, o edifício original hoje só dá lugar à loja de fábrica e a um espaço museológico recentemente renovado dedicado a Rafael Bordalo Pinheiro, a casa-museu de São Rafael. Nos últimos anos, a produção de peças Bordallo Pinheiro tem sido realizada noutras instalações mais modernas com as condições e dimensões adequadas, localizadas na zona industrial das Caldas.



Figura 42: Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha Autor não identificado, cerca 1889



Figura 43: Fábrica Bordallo Pinheiro

Antiga Fabrica de moagem A origem da historia começou com a criação de uma moagem em 1912 pela familia Alves de Paiva, depois foi no 30 de abril de 1921 que a Ceres se constituiu como empresa. Na década seguinte as duas familias Alves de Paiva e Martins de Sousa uniram-se. A totalidade da Ceres foi adquirido por Lucio de Sousa nos anos 40. Ela iniciou um novo ciclo de modernização e expansao mas o Alentejo nao tinha as condições necessarias para esse desenvolvimento. Nos anos 50, apos uma intensa prospeção por todo o pais decidiu implentar-se nas Caldas da Rainha numa area a proximidade ao caminho de ferro. A laboração iniciou-se em 1966, os mais de 7000m2 construção fabril efetivaram-se. À entrada do milénio por razões concorrenciais a fábrica fechou e foi desactivado em 2003. Actualmente, com un novo projecto de requalificação, os antigos silos de moagem sao transformados num “viveiro de criatividade” para designers e artistas saídos da escola superior de arte e design (ESAD). É um projecto low cost para a criação de espaços a preços reduzidos para alugar mas tambem com o objectivo de promover e divulgar projectos artisticos. Albergando espaços com ateliers, espaços de exposiçao e performances, bem como espaços de ensaio e experimentação.



Figura 44: Silos Contentor Criativo



Figura 45: Silos

4. Reapropriação e evolução do existente

4.1. Referências arquitetônicas



Figura 46: Imagem Mercado Braga souto de moura



Figura 49: Imagem Pousada de santa Marinha da costa Fernando Távora

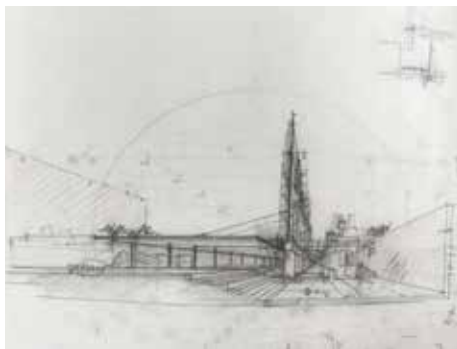


Figura 47: Desenho Mercado Braga souto de moura



Figura 50: Desenhos Pousada de santa Marinha da costa Fernando Távora

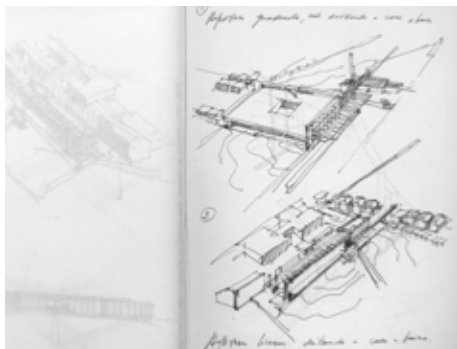


Figura 48: Desenhos Mercado Braga souto de moura

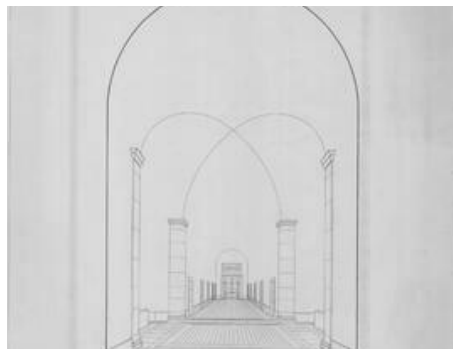


Figura 51: Desenhos Pousada de santa Marinha da costa Fernando Távora



Figura 52: Áreas de intervenção antigamente
imagem Chiado public space carmo connection
Castanheira + Alvaro Siza

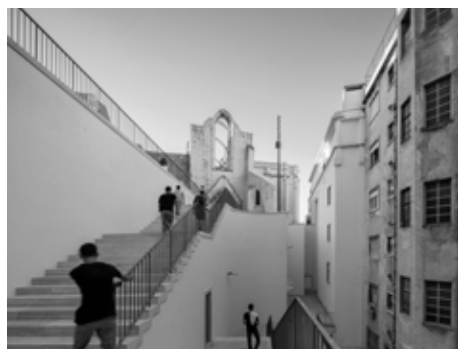


Figura 53: Imagem Chiado public space carmo
connection Castanheira + Alvaro Siza



Figura 54: Imagem Chiado public space carmo
connection Castanheira + Alvaro Siza



Figura 55: Imagem Mercado Bolhao Nuno Va-
lentin



Figura 56: Imagem Mercado Bolhao Nuno Va-
lentin



Figura 57: Imagem Mercado Bolhao Nuno Va-
lentin



Figura 58: Imagem antiga unidade industrial Real Vinícola Casa de arquitectura Guilherme machado Vaz



Figura 59: Imagem Casa de arquitectura Guilherme machado Vaz



Figura 60: Imagem Casa de arquitectura Guilherme machado Vaz



Figura 61: Imagem kolumba museum peter Zumthor



Figura 62: Imagem kolumba museum peter Zumthor



Figura 63: Imagem kolumba museum peter Zumthor



Figura 64: Imagem Atelier museu julio pomar
Alvaro siza

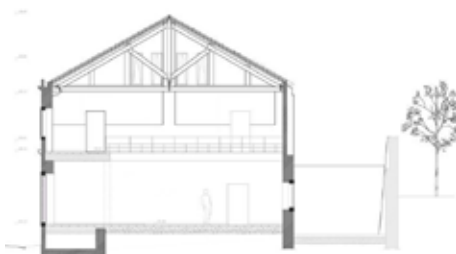


Figura 65: Imagem Atelier museu julio pomar
Alvaro siza



Figura 66: Imagem Atelier museu julio pomar
Alvaro siza

4.2. Existente



Figura 67: Orthophotomapa da Cidade das Caldas da Rainha 2022

- 1- Silos criativo
- 2- vazio urbano(B)
- 3- edificio abandonado(A)
- 4- Parque Dom Carlos I
- 5- grande hotel SANAA Silver Coast
- 6- centro comercial
- 7- Chafariz da Estrada da Foz



Figura 68: Chafariz da Estrada da Foz

A área de intervenção situa-se no centro histórico da cidade de Caldas da Rainha, a paisagem urbana é diversificada [Figura 67]. É uma zona altamente urbanizada que reúne edifícios de diferentes épocas: construções novas, construções rehabilitadas, construções abandonadas e monumentos históricos. Nesta área o património é diversificado: “Chafariz da Estrada da Foz” [Figura 68] classificado como Imóvel de Interesse Público (IIP) (em 1982, pelo Decreto n.º 28/82, publicado no DR n.º 47, 1.ª Série, de 26 de fevereiro), imóveis com valor patrimonial Nível I, Nível II a, Nível II b (por exemplo edifício Antigo Hotel Lisbonense / Hotel Sana Costa de Prata), Nível II c (por exemplo, edifício abandonado A), Nível III. Esta área de intervenção reúne diferentes equipamentos e serviços: espaços habitacionais, espaços turísticos (Hotel Sana Silver Coast), espaço de uso especial (Silos), espaço de atividade económica (centro comercial la vie caldas da rainha), um espaço verde de utilização colectiva (Parque dom carlos I), um espaço urbano de utilização colectiva (praça 5 de outubro). A mobilidade nesta área está representada através de: Um rede rodoviária de nível II (Rua Vitorino Fróis), redes viárias locais, redes viárias distribuidoras, sentidos de trânsitos, estacionamento existente (ao longo das vias, parque de estacionamento a céu aberto, parque de estacionamento subterrâneo).

A área onde nós vamos intervir situa-se entre a linha de comboio e o Parque Dom Carlos I. O edifício abandonado (A) situa-se na Rua Vitorino Fróis e Rua da Calçada da Praça 5 de outubro. Enquanto o outro espaço abandonado (B) fica numa zona um pouco mais afastada junto ao Silos e ao Largo da Feira. Em 1742, estes elementos urbanos e as suas respetivas ruas ainda não existiam, tinham sobretudo espaços verdes e campos. No Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha criado pelo arquitecto Paulino Montez, aprovado em 1953 ⁵² [Figura 69], o edifício abandonado (A) está representado, do lado da fachada oeste não existem edifícios vizinhos apenas um espaço vazio, do outro lado havia uma praça em frente à fachada este do edifício. No entanto, o outro local abandonado (B) não estava representado ou ainda não existia, o espaço era livre e chamado largo da feira (Um largo é: um lugar aberto, lugar de passagem, do transeunte; é um espaço de aglomeração e de manifestações diversas). Depois, o espaço urbano nesta zona evoluiu, surgiram novos edifícios inclusive uma residência com uma loja de arte no piso 0 na Rua Vitorino Fróis. Está colada à fachada oeste do edifício abandonado (A), no entanto existe uma descontinuidade entre a fachada do novo edifício e a outra do edifício abandonado (A) do lado sul e da rua Vitorino Fróis. A presença deste novo edifício também cria um espaço descontínuo no lado norte da construção abandonada. Além disso, o espaço vazio em frente à fachada, este que antes era acessível ao público, foi privatizado, atualmente está sendo utilizado como um

parque de estacionamento. Enquanto o outro espaço abandonado (B) transformou-se num lugar de estacionamento público.

52. MONTEZ, Paulino. Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha 1953.[DGOTDU] Em OLIVEIRA, Filipa Couto. Os espaços públicos das Caldas da Rainha: Regeneração Urbana e Identidade.

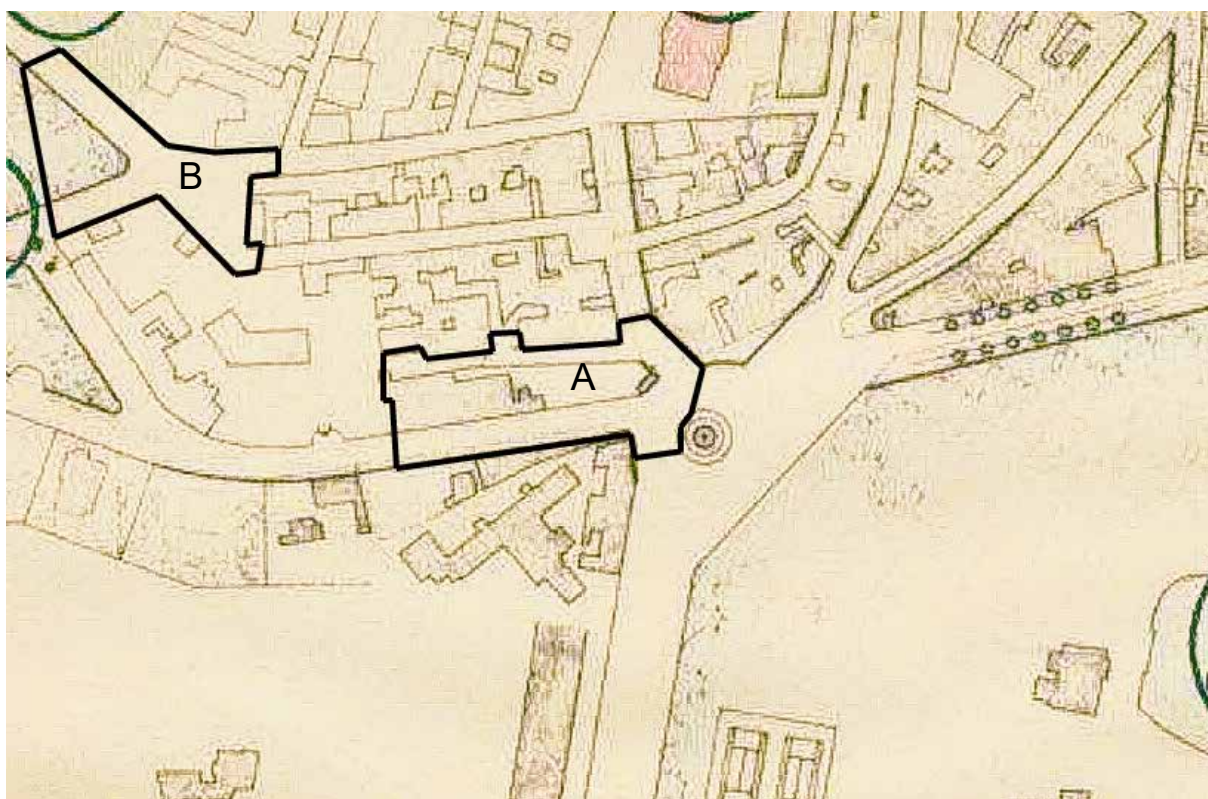


Figura 69: Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha criado pelo arquitecto Paulino Montez, aprovado em 1953

A área de intervenção é uma zona altamente urbanizada que reúne edifícios de diferentes épocas mas também numerosos edifícios abandonados e vazios urbanos. O edifício abandonado (A) e o espaço abandonado (B) foram escolhidos para realizar propostas ligadas a esta reflexão sobre a reabilitação numa zona altamente urbanizada como o centro histórico da cidade das Caldas da Rainha. Quais são os desafios dessa duas formas existentes (edifício abandonado A e espaço abandonado B). O edifício abandonado A é um espaço isolado muito visível e insalubre, perigoso e favorável a moradias informais [Figura 70]. Essa construção abandonada cria descontinuidade com a sua forma no espaço urbano do centro histórico [Figura 71]. Não ajudam a melhorar a fluidez do tráfego pedonal numa rede rodoviária de nível II como a Rua Vitorino Fróis [Figura 72]. O espaço abandonado B é um antigo largo alterado em uma pequena área de estacionamento a céu aberto [Figura 73]. Essa alteração promove os carros no centro histórico e a escala urbana num espaço com um conjunto de edifícios habitacionais [Figura 74 e 75]. A presença de carros não promove a convivência da comunidade e dos vizinhos, o acesso pedonal, mas também a convivência num espaço menos poluído.



Figura 70: estacionamento privado edificio abandonado (A)



Figura 73: vazio urbano (B)



Figura 71: vista rua Vitorino Fróis e edificio abandonado (A)



Figura 74: estacionamento vazio urbano (B)



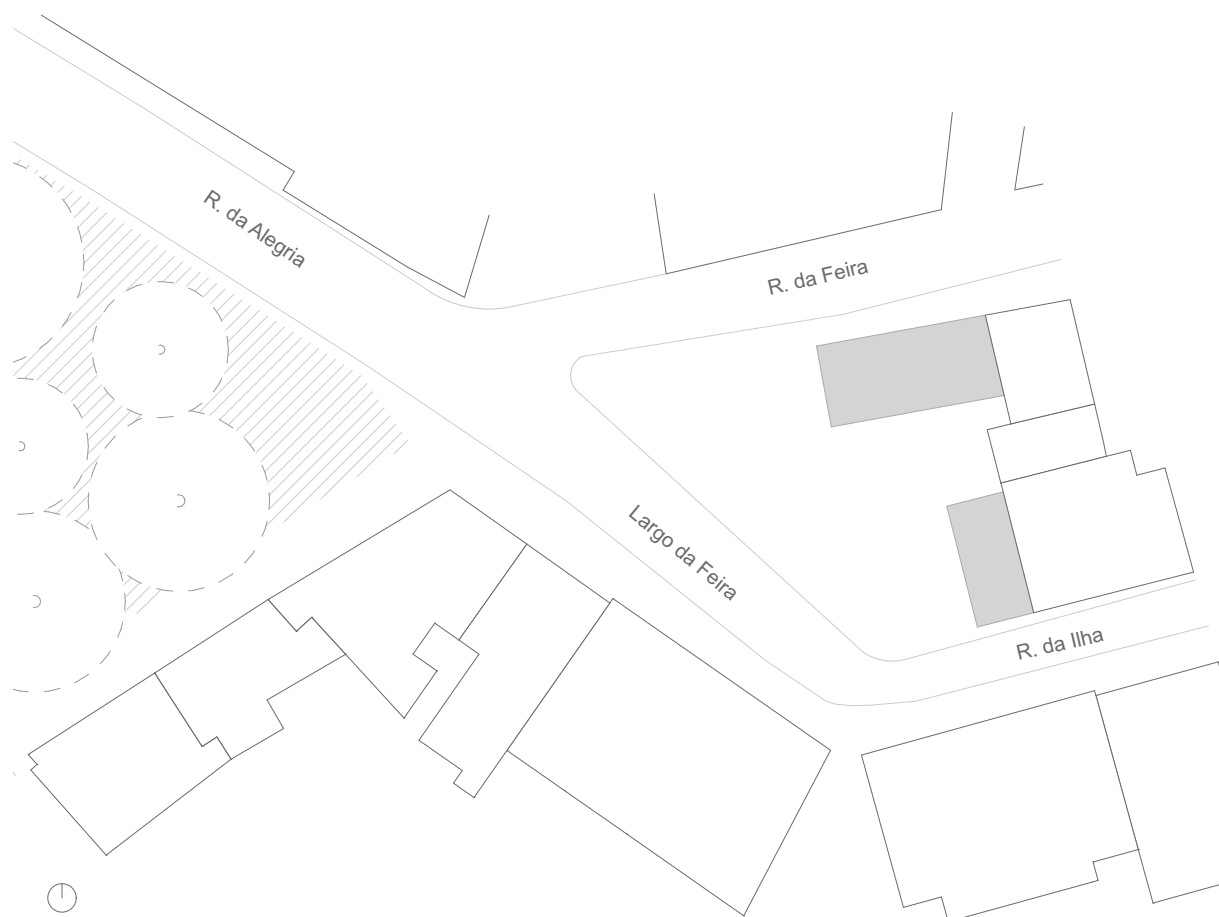
Figura 72: vista aérea alinhamento edificio vizinho com o edificio abandonado (A)



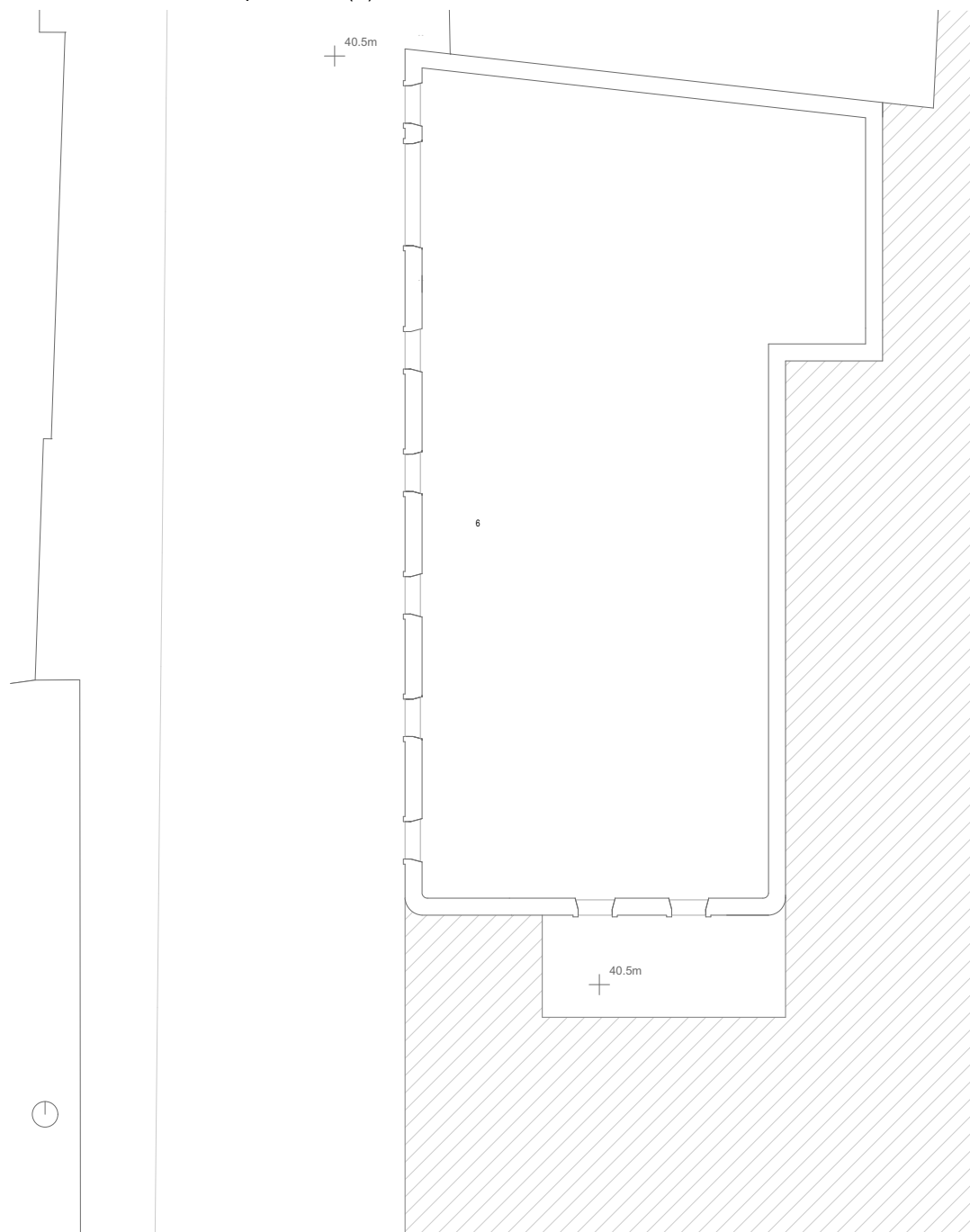
Figura 75: vazio urbano (B)

Planta edificio existente (A) 1/500

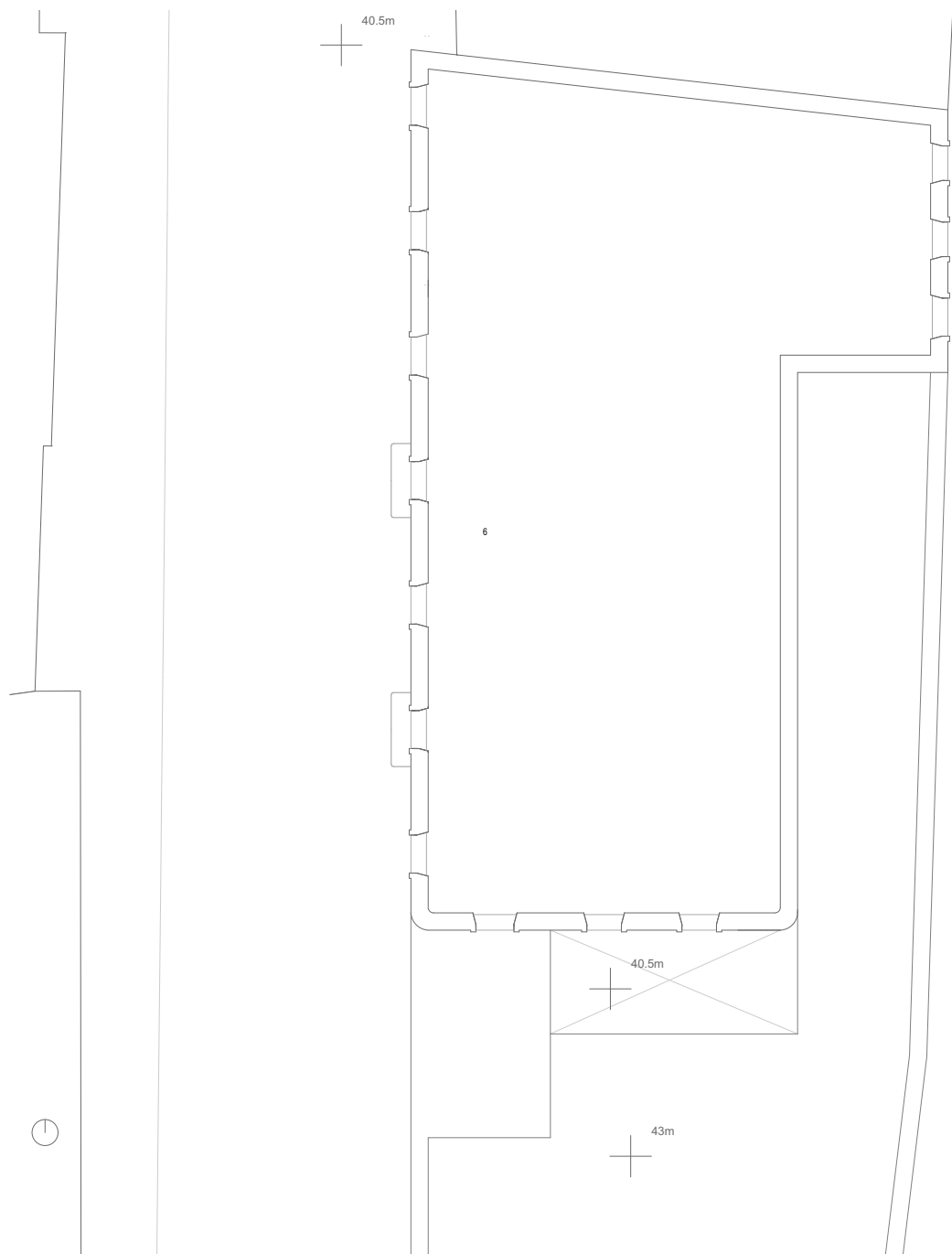




Planta edificio existente piso téreo (A) 1/200



Planta edificio existente piso 1 (B) 1/200

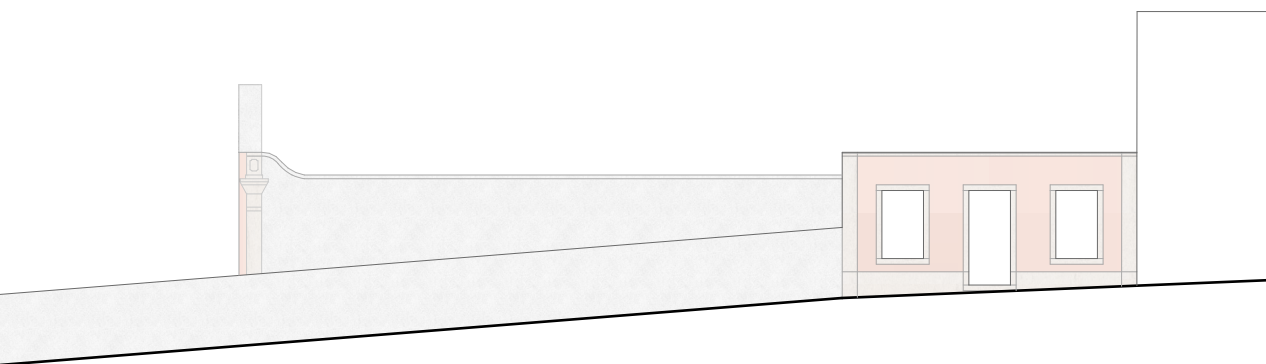
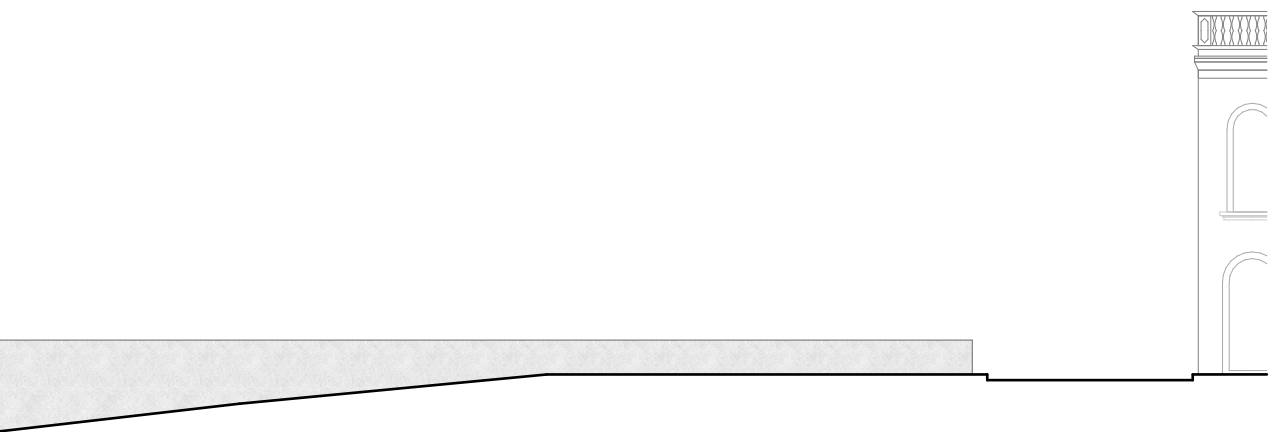


Alçado sul edifício existente (A) 1/200

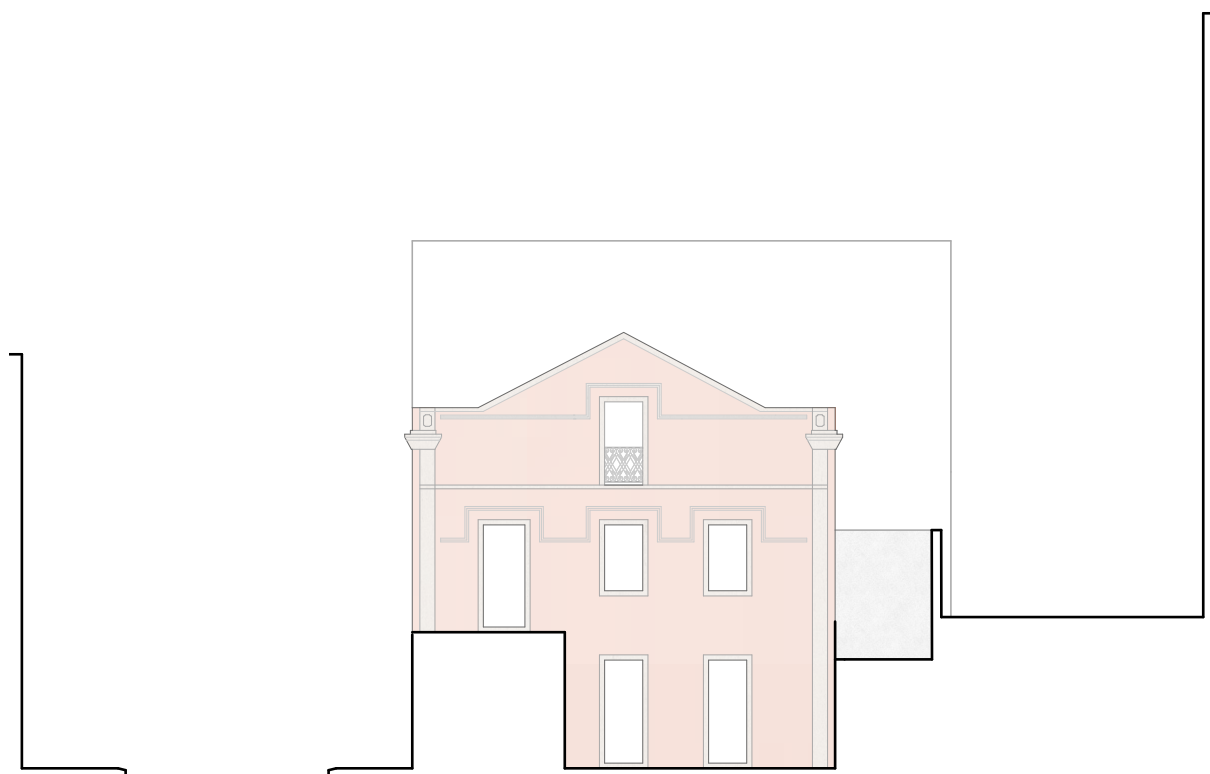


Alçado norte edifício existente (A) 1/200





Alçado este edificio existente (A) 1/200



4.3. Existente alterado



Figura 83: Planta geral proposta area urbana
rehabilitada 1/2000

- 1- Silos criativo
- 2- vazio urbano alterado (B)
- 3- edificio abandonado rehabilitado (A)



Figura 84: Maquete proposta edificio abandonado (A) 1/200

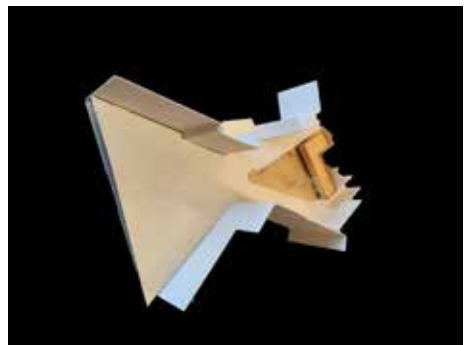


Figura 85: Maquete propuesta vazio urbano (B) 1/200



Figura 86: Maquete propuesta edificio abandonado (A) + vazio urbano (B) 1/200

A imagem urbana apresenta-se : Como uma acumulação matizada de diversos elementos, testemunhos de épocas consecutivas, contribuindo para a composição do todo ⁵³ . Os edifícios abandonados fazem parte da imagem urbana. Se forem destruídos ou alterados, a imagem urbana é modificada.

A destruição da construção abandonada (A) toda teria um impacto económico e social prejudicial. Seria uma evolução e uma mudança repentina da imagem urbana. De acordo com Jonathan Richard, as fachadas ornamentadas têm um papel na singularidade das paisagens urbanas: Através das suas qualidades visuais, estas fachadas permanecem na mente do observador e funcionam como um foco para evocar imagens do cenário urbano da memória.⁵⁴ O edifício abandonado (A) é composto por fachadas ornamentadas, no entanto as 4 fachadas não podem ser preservadas. Um edifício de apartamentos moderno está colado à fachada oeste do edifício abandonado (A), há uma descontinuidade entre as fachadas dos dois edifícios justapostos. É uma perturbação da harmonia na imagem urbana : anarquia visual, pela infeliz mistura de testemunhos incompatíveis de diferentes épocas, ou pela pura e simples profanação de composições anteriores por atividades mais recentes de planeamento urbano.⁵⁵

O edifício reabilitado (A) será construído a partir da fachada nascente e parte da fachada sul, as outras fachadas norte e poente serão completamente alteradas (para repensar o alinhamento das fachadas do edifício

reabilitado e do edifício moderno de apartamentos). Será criada uma passagem com escadas entre o edifício de apartamentos e o edifício reabilitado [Figura 87 e 88]. Vai facilitar o trânsito de pedestres da Rua Vitorino Fróis até à Rua Tv da Água Quente. O passeio será alterado para permitir que os pedestres circulem e entrem pela fachada sul do edifício reabilitado (A). Parte da esplanada do lado nascente será escavada e a fachada desta parte será modificada ao nível das aberturas no rés do chão [Figura 89]. Todas estas alterações vão promover o movimento e circulação de pessoas, reduzir o estacionamento, criar um espaço público arborizado para viver num ambiente menos poluído, bem como promover a convivência dentro da comunidade [Figura 90]: Por exemplo, nos casos em que existem duas rotas igualmente convenientes através de uma área urbana e uma das rotas possui uma qualidade visual muito superior à outra, uma parte significativa dos utilizadores da rota pode ser atraída pela rota de maior qualidade, porque proporciona uma experiência visual muito mais satisfatória⁵⁶.

O espaço abandonado (B) não apresenta os mesmos desafios, as paredes (edifícios relacionados com este espaço) não estão ornamentadas e estão muito danificadas e quase inexistentes. A qualidade visual deste espaço é fraca. A presença de carros, muros abandonados degradados, a falta de espaços verdes e árvores não convidam os utentes a caminhar ou descansar neste espaço. A reconstrução cenográfica do largo da Feira (B) através da cópia exata do passado não é a proposta

53. PAPAGEORGIOU, Alexandre - *Intégration urbaine, Essai sur la réhabilitation des centres urbains historiques et leur rôle dans l'espace structuré de l'avenir*, p.68.

54. RICHARDS, Jonathan - *Facadism*, p.105.

55. PAPAGEORGIOU, cit. 53 p.68 RICHARDS, cit. 54, p.55.

56. RICHARDS, cit. 54, p.55.

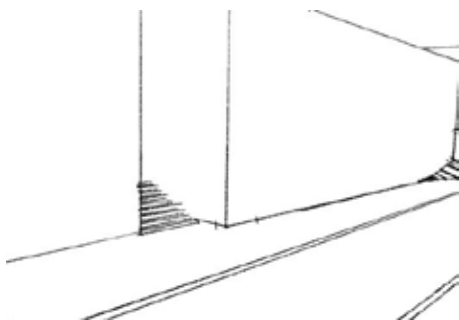


Figura 87: Desenho proposta alinhamento fachada sul (A) e fachada edifício vizinho



Figura 88: Desenho proposta alinhamento fachada sul (A) e fachada edifício vizinho

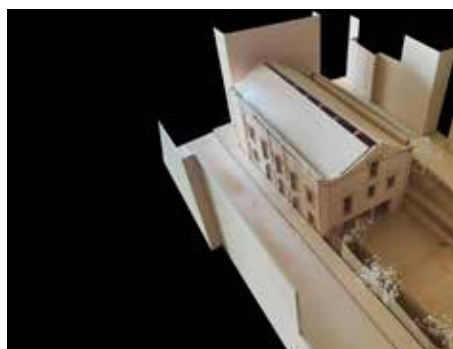


Figura 89: Maquete proposta edifício abandonado (A) 1/100

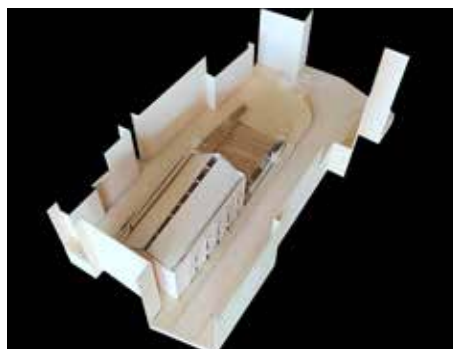


Figura 90: Maquete proposta edifício abandonado (A) 1/100

adequada. No entanto, a reconstrução segundo princípios de planeamento urbano e morfologia arquitetónica contemporânea (contraste harmónico) é uma ideia viável: Inovadora, e não conservadora, encara a tarefa mais difícil do ponto de vista estético, mas também a mais saudável no que diz respeito ao processo de criação artística: ela segue o caminho do «contraste» e não o da «integração» harmónica.⁵⁷

O espaço de estacionamento ligeiramente inclinado pela topografia será transformado num espaço verde plano de uso coletivo (jardim com topografia alterada com uma árvore que criará sombras). Todas as paredes abandonadas e danificadas serão alteradas pela criação de um novo volume geométrico simples. Este simples volume horizontal contrasta com os edifícios verticais existentes neste espaço urbano. Haverá também um confronto entre as suas fachadas modernas sem ornamentos e as fachadas ornamentadas dos edifícios vizinhos. É uma reconstrução em confronto e contraste extremo, mas harmónico. Todas estas alterações irão melhorar a qualidade visual deste espaço, promover a circulação e circulação de pessoas, reduzir o estacionamento, criar um espaço público arborizado para viver num ambiente menos poluído, bem como promover a convivência da comunidade entre os vizinhos.

57- PAPAGEORGIOU, Alexandre - *Intégration urbaine, Essai sur la réhabilitation des centres urbains historiques et leur rôle dans l'espace structuré de l'avenir*, p.119.

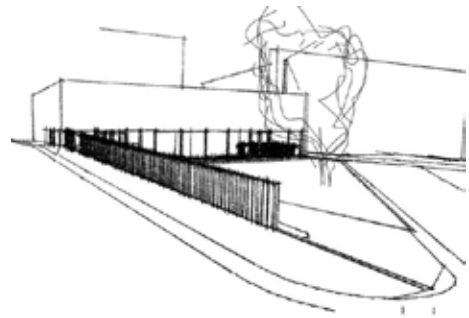
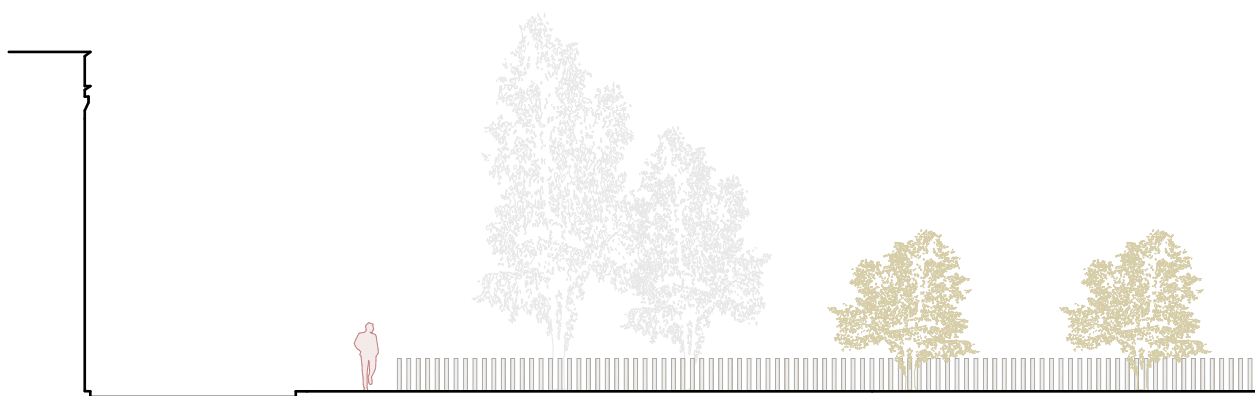


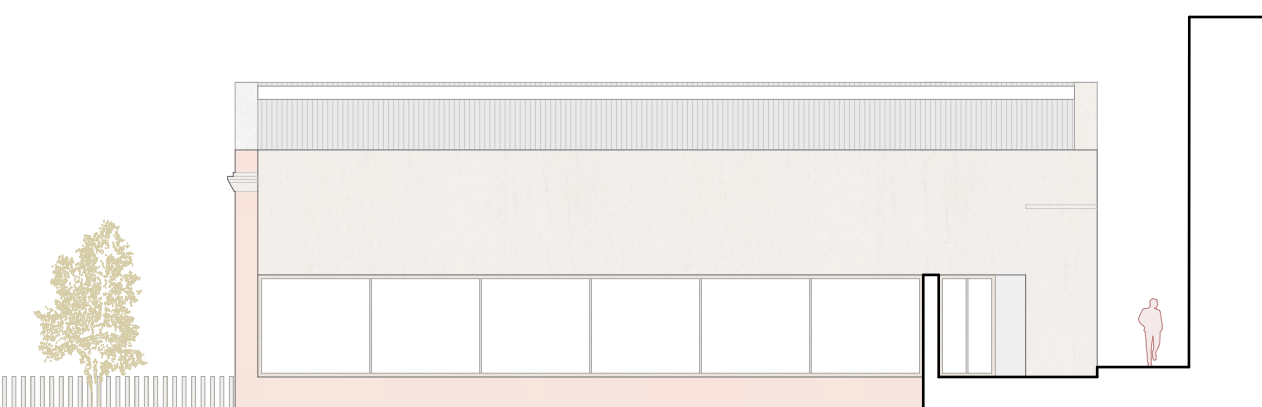
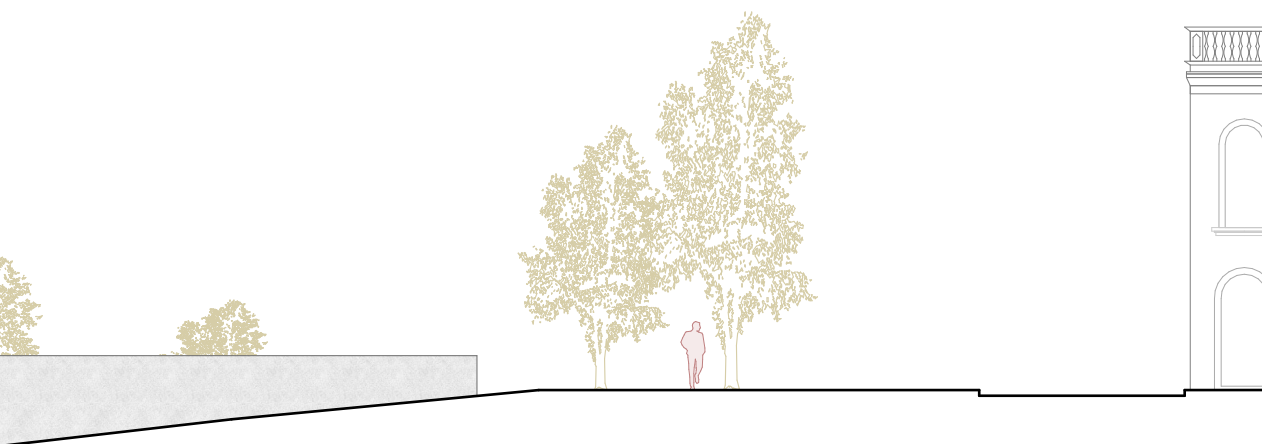
Figura 91: Desenho proposta vazio urbano alterado (B)

Alçado sul proposta edificio abbandonado (A) 1/200

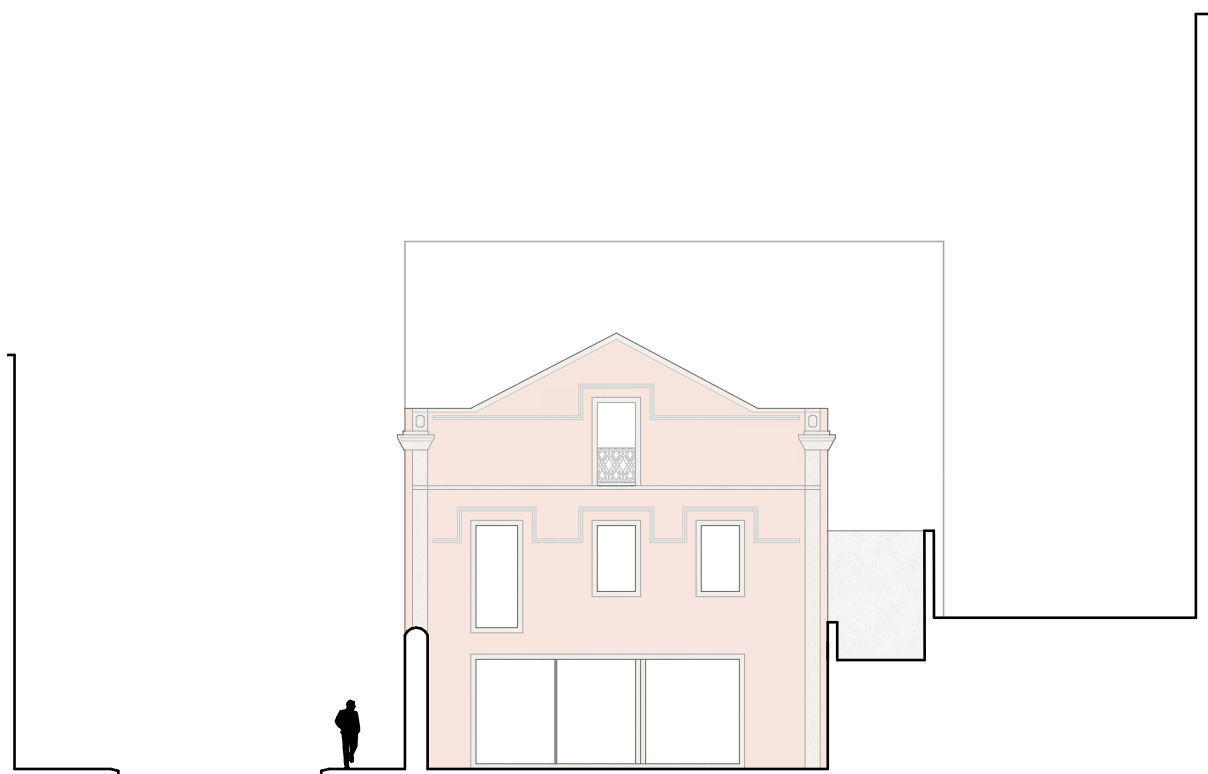


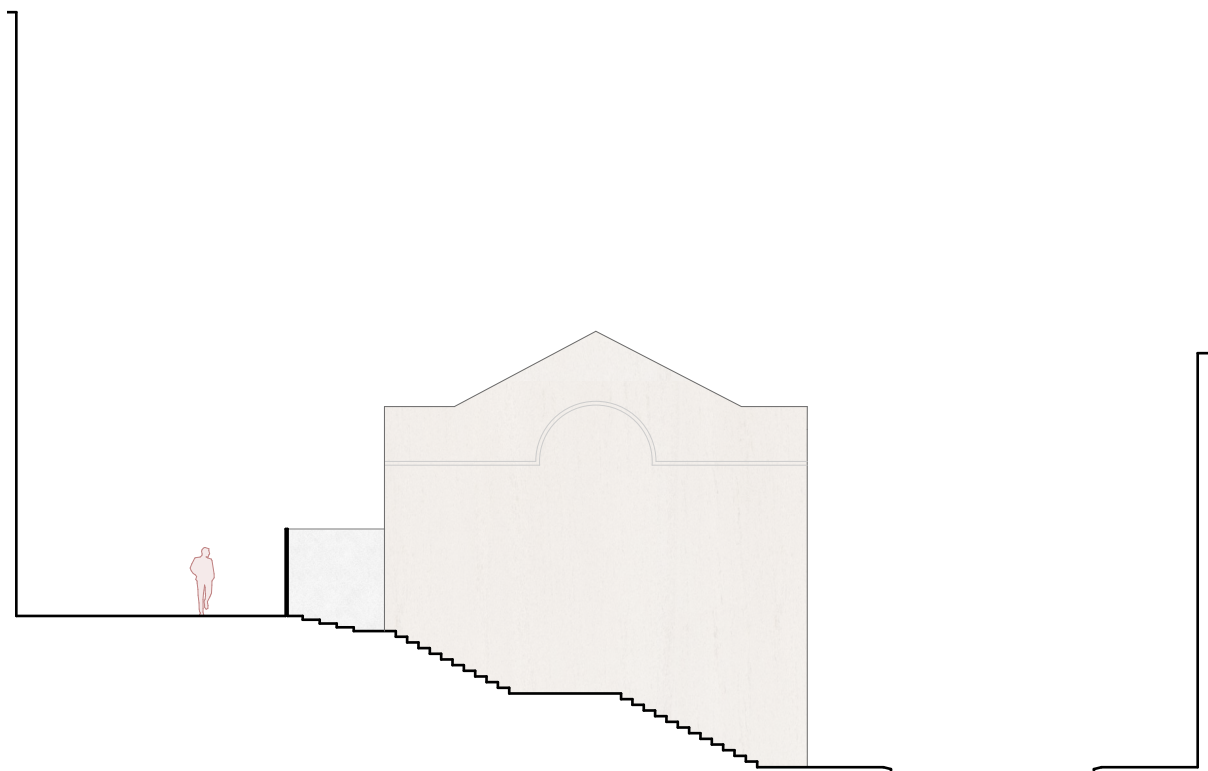
Alçado norte proposta edificio abandonado (A) 1/200

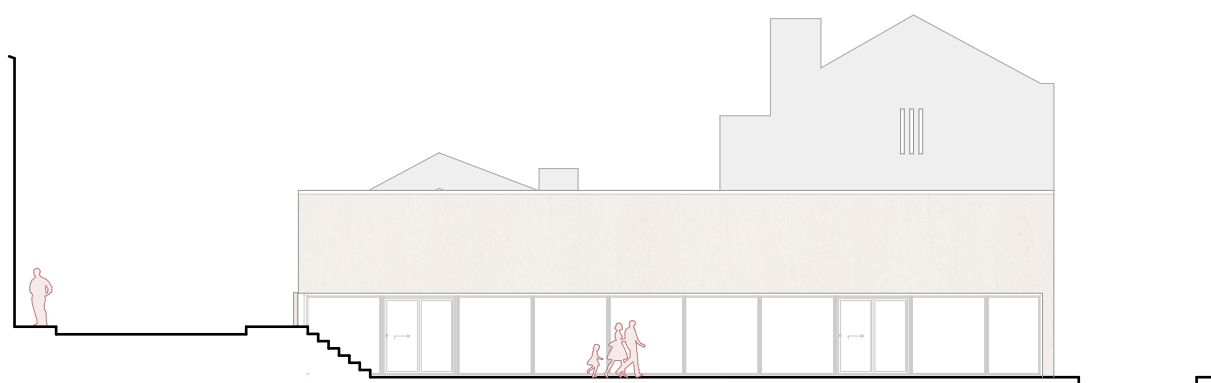




Alçado este proposta edificio abandonado (A) 1/200









A configuração externa costuma ser bastante simples, no entanto, no interior de um organismo vivo, está embutida uma notável complexidade de estruturas que têm encantado os anatomistas⁵⁸. Esta frase reformulada de Robert Venturi pode ser vista como uma metáfora para descrever a relação harmónica entre o revestimento de um edifício e o seu espaço interno. O interior e o exterior são duas noções inseparáveis e indivisíveis. De acordo com Peter Zumthor, delimitar um espaço é criar um interior e um exterior ao mesmo tempo: A tensão entre o interior e o exterior. É incrível para ele que, com a arquitetura, retiremos uma parte do globo terrestre e a utilizemos para erigir uma pequena caixa. De repente, nos deparamos com a existência de um espaço interno e um espaço externo. Estar no interior, estar no exterior⁵⁹. A relação de dentro para fora pode ser impactada por muitos fatores.

O edifício reabilitado (A) preservará parte do espaço exterior através da preservação do carácter de algumas fachadas ornamentadas, no entanto o espaço interior será totalmente alterado. O espaço interno é composto por mezaninos de diferentes alturas que se articulam entre eles dentro do mesmo volume [Figura 100, 101 e 102]. A criação deste espaço não corresponde a uma abordagem tradicional baseada no tipo, estilo e função de um edifício. Aproxima-se da noção de “transparência fenomenal de Colin Rowe”, de acordo com Peter Eisenman: Transparência aqui significa uma percepção visual simultânea de diferentes áreas ou camadas espaciais. Não só o espaço recua ou avança, mas oscila

constantemente, numa atividade incessante... sugere um puro jogo mental que ‘dissolve’ a representação.⁶⁰ Apesar do contraste entre as antigas fachadas ornamentadas e a organização do novo e abstrato espaço interno, a relação entre interior e exterior é harmónica. O arquiteto Ricardo Bofill refletiu sobre este desafio como exemplo: Externamente, os edifícios parecem como palácios clássicos colossais situados em praças romanas imperiais maciças, crescentes, circos. No entanto, por trás das fachadas, o classicismo evapora-se e os apartamentos são semelhantes à maioria dos outros encontrados na Europa ocidental que foram construídos na mesma época..⁶¹ [Figura 98 e 99].

Para o novo edifício (B) a relação entre interior e exterior não é contrastada, é contínua. A relação entre interior e exterior pode ser impactada por aberturas e luz do dia. O tamanho e a localização de uma janela ou abertura tem um impacto na forma da fachada, mas também um impacto na qualidade da iluminação natural no espaço interno, carácter e impressões espaciais de uma mesma sala. O edifício reabilitado (A) terá uma grande abertura na fachada norte alterada. Esta abertura panorâmica tornará o espaço menos fechado e criará uma continuidade visual entre o espaço verde exterior e o espaço interior sem receber luz direta. Há um vão na fachada, este no piso 0 para criar uma continuidade visual entre o piso 0 e o espaço público ligado ao edifício. Depois, a criação de uma abertura linear no telhado vai permitir a entrada de luz natural nos espaços mais recuados. No novo edifício (B) o vidro da sacada contínua vai

58. VENTURI, Robert - Complejidad y contradicción en la arquitectura, p.109.

59. ZUMTHOR, Peter - *Atmósferas : entornos arquitectónicos - las cosas a mi alrededor*, p.45.

60. EISENMAN, Peter - *Machine critique de l'architecture*, p.25.

61. RICHARDS, Jonathan - *Facadism*, p.55.



Figura 98: Desenhos Ricardo Bofill Taller Arquitectura Casa santuário Frença



Figura 99: imagem Ricardo Bofill Taller Arquitectura Os espaços Abraxas Marne la Vallé Frença

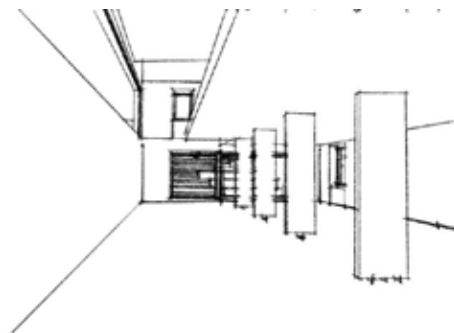


Figura 100: Desenho espaço interior edificio rehabilitado (A)



Figura 101: Desenho espaço interior edificio rehabilitado (A)

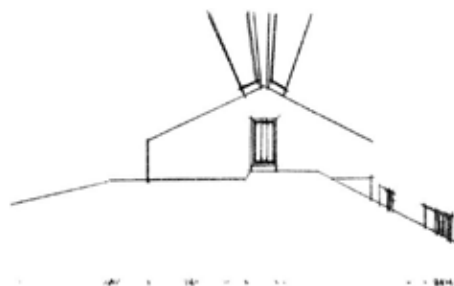
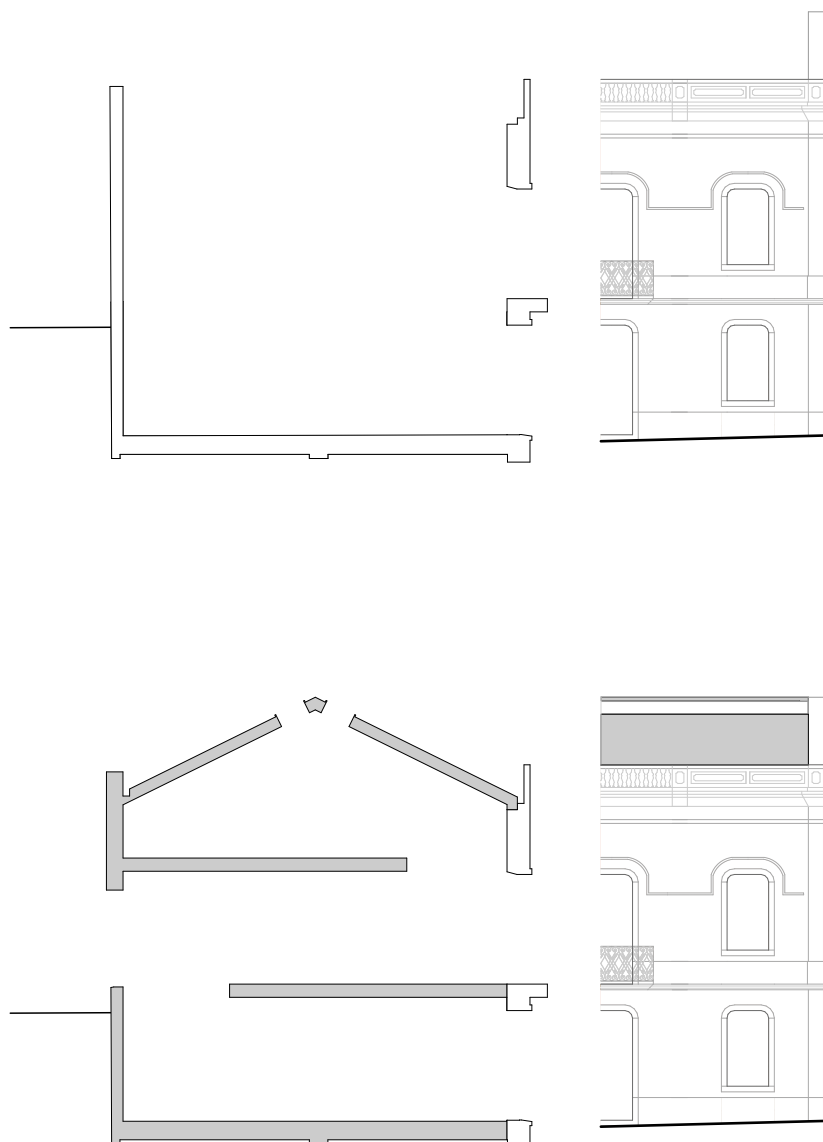


Figura 102: Desenho espaço interior edificio rehabilitado (A)

destacar a ligeira transição entre um material pesado que parece levitar, mas também torna o que está acontecendo dentro do volume mais visível e legível. Também no sentido oposto, para quem se encontra no interior do edifício, é possível olhar para o jardim no exterior.

Esquema desenvolvimento proposta edificio alterado (A)



Uma construção abandonada é um edifício ou espaço que já não tem um uso, mas a forma continua a existir. No entanto, atribuir um novo uso a um edifício existente num centro histórico é um desafio social, porque o objetivo é integrar a vida contemporânea e futura numa área de reconhecido valor histórico. De acordo com Alexandre Papageorgiou funções urbanas preponderantes não estão adaptadas às necessidades dos centros históricos ao longo prazo: Todas as funções urbanas predominantes, em princípio, revelam-se desastrosas, tanto para o equilíbrio harmonioso do tecido urbano, como para a preservação dos edifícios históricos e, sobretudo, para as condições de vida da população⁶². A integração de funções novas ou pré-existentes compatíveis com o carácter discreto e pacífico do centro histórico da cidade de Caldas da Rainha é uma proposta viável: por exemplo, habitação, lojas de artesanato, lojas de retalho, sedes de associações culturais e outras.

O edifício abandonado (A) e o espaço abandonado (B) não são edifícios históricos com um património de grande valor arquitetónico. As ameaças da reconversão são menos importantes e as alterações podem ter um impacto maior. No entanto, as novas funções devem coexistir e estar em harmonia com a forma da construção reabilitada.

O edifício reabilitado (A) poderá conter um programa de quase 200m², será um espaço multiusos. A proposta vai chamar-se CMUC (Caldas Multi-uso creativo). Este espaço será utilizado para atividades individuais como

estudo, leitura ou teletrabalho para utilizadores como estudantes, nómadas digitais e teletrabalhadores. Será também utilizado para atividades coletivas: convívios associativos, encontros profissionais, apoio escolar, formação e exposições. O espaço interno será composto por casas de banhos acessíveis para funcionários e usuários em cada andar, bem como um armazém no piso térreo. Além disso, a organização do espaço interior permitirá aos utilizadores utilizar a flexibilidade deste espaço, para outras atividades ou para substituir o espaço polivalente por uma galeria de exposições, livraria ou oficina de artesanato.

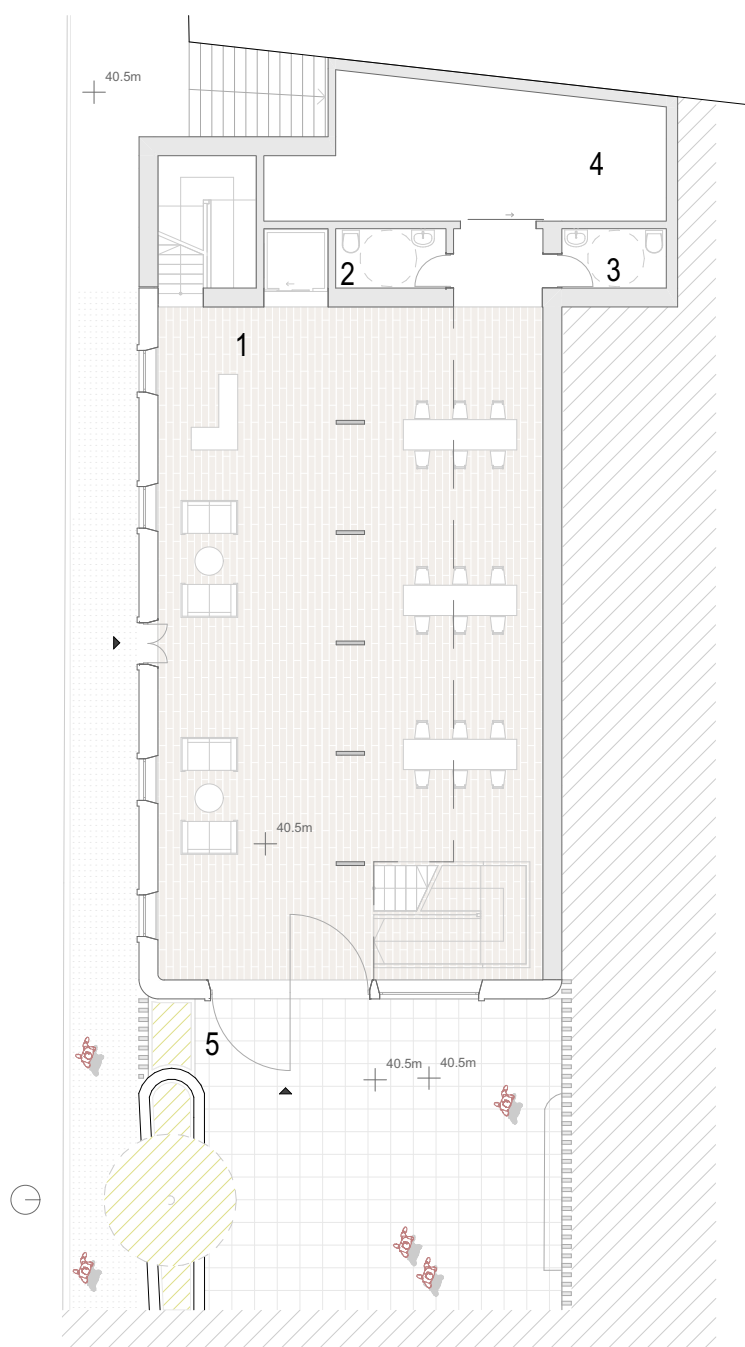
O novo edifício (B) será uma oficina de cerâmica. A cerâmica tem valor histórico na vila de Caldas da Rainha [Figura 104], o restabelecimento de um programa ligado ao artesanato em relação ao carácter vernáculo deste território é uma proposta viável. A proposta vai chamar-se CCC (Caldas Cerâmica creativa). Os utilizadores poderão utilizar este workshop para promover a aprendizagem da criação de cerâmica e azulejos, por exemplo. O espaço interno será composto por casas de banhos acessíveis para funcionários e usuários. Além disso, a organização do espaço interior permitirá aos utilizadores utilizar a flexibilidade deste espaço, para outras atividades ou para substituir a oficina de cerâmica por um café + lavandaria.

62. PAPAGEORGIOU, Alexandre - *Intégration urbaine, Essai sur la réhabilitation des centres urbains historiques et leur rôle dans l'espace structuré de l'avenir*, p.133.

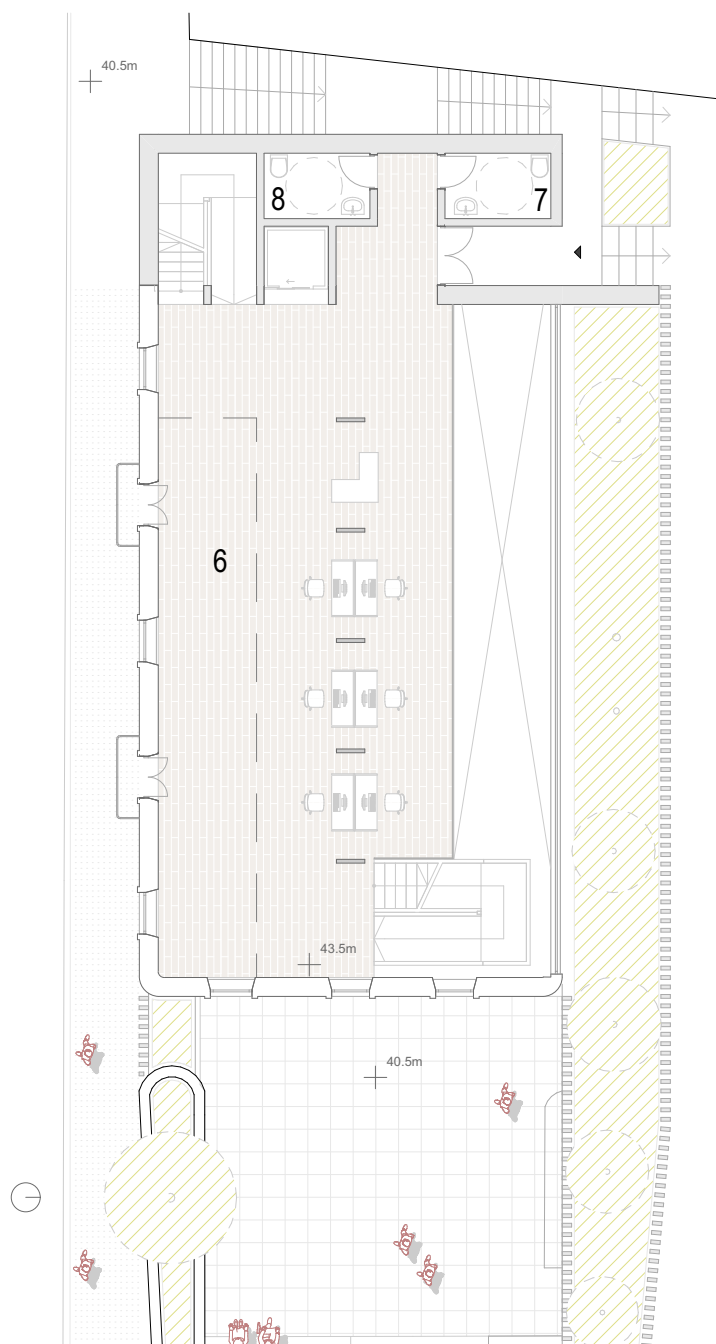


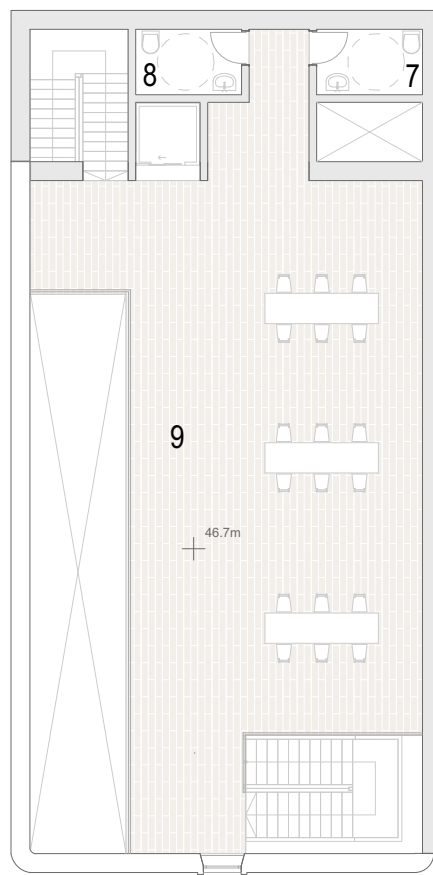
Figura 104: Ilustração Faiança Artística das Caldas da Rainha 1ª Exposição de M. Gustavo Bordalo Pinheiro, Sociedade de Bellas-Artes, Porto, 1907

Planta piso téreo CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A) 1/200



Planta piso 1 CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A) 1/200

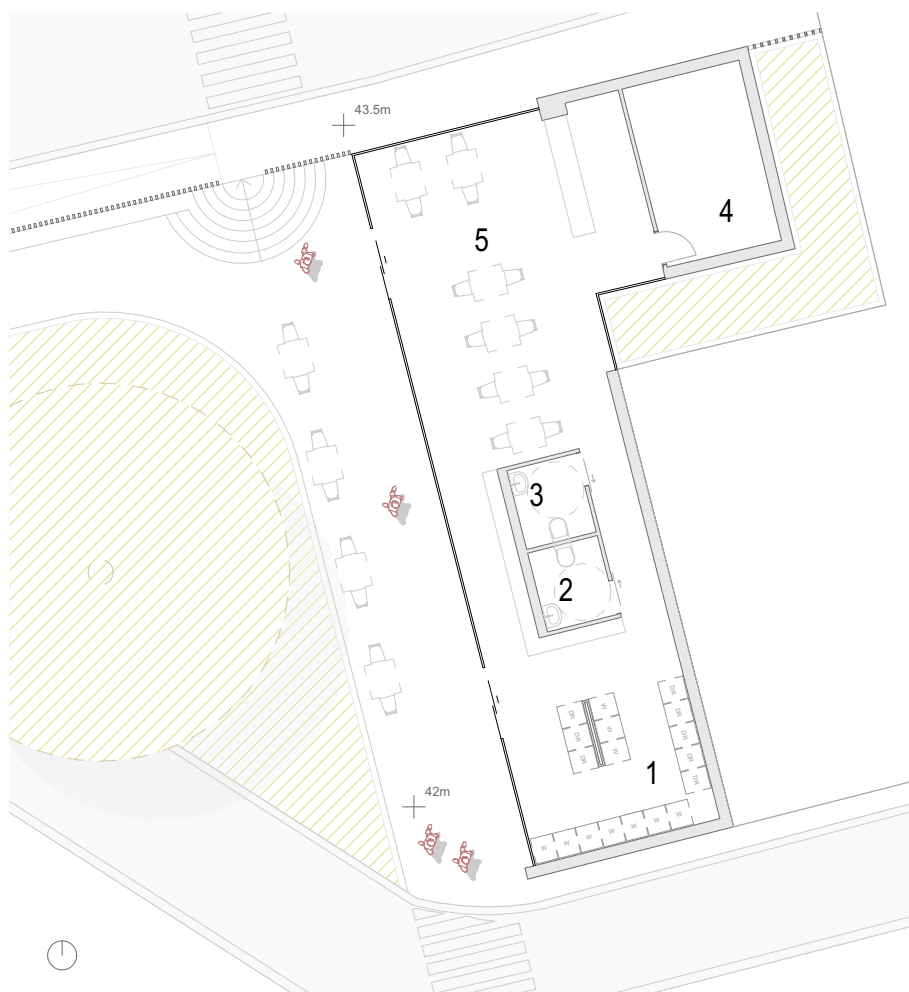




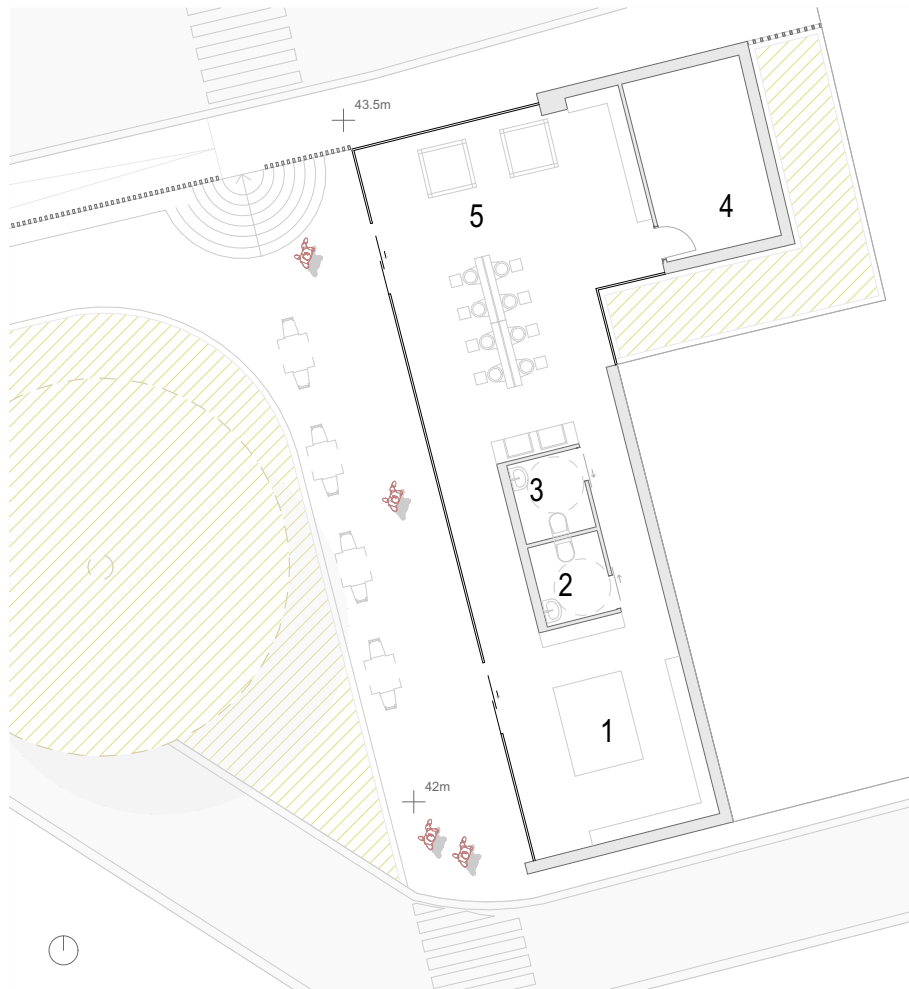
- 1- Espaço co-working
- 2- Casa do banho
- 3- Casa do banho
- 4- Armazens
- 5- Espaço para fumar e descansar
- 6- Espaço co-working
- 7- Casa do banho
- 8- Espaço co-working
- 9- Casa do banho

Planta café + lavanderia 1/200

- 1- Lavandaria
- 2- Casa do banho
- 3- Casa do banho
- 4- Armazens
- 5- Cafeteria



- 1- Atelier de cerâmica
- 2- Casa do banho
- 3- Casa do banho
- 4- Armazens de cerâmica
- 5- Sala de Exposições do cerâmicas



O homen construiu com os recursos disponíveis: argila, pedras, árvores. Com a sua imaginação, inventou novos materiais e utilizou-os: fundiu e elaborou metais, moldou e laminou, criou betões, pré-esforçou-os, desenvolveu estruturas e deixou para trás as pesadas paredes... Os revestimentos de painéis de chapas metálicas com isolantes plásticos proporcionam novas soluções. O homen pensa com um sentimento de liberdade em relação às grandes massas e aos grandes pesos.⁶³ Esta expressão reformulada de Alejandro de la Sota refere-se à cultura do trabalho em linha de montagem, pré-fabricação e inovações construtivas e estruturais do movimento moderno, mas também se refere à técnica tradicional do passado através do artesanato e do trabalho manual. A crítica regionalista em Portugal liga técnicas tradicionais com a inovações construtivas contemporâneas. Assim, as duas propostas de reabilitação vão ligar materiais tradicionais locais, como a cerâmica, a materiais industriais, como o ferro. A escolha destes dois materiais está também ligada à sua presença no território: caminhos de ferro, esculturas cerâmicas, revestimento de fachadas e praças com azulejos... O pavimento do espaço interior da oficina de cerâmica (B) será feito com azulejos [Figura 111].

A materialidade tem impacto na atmosfera e na percepção do espaço. Materiais naturais como pedra e madeira serão utilizados para acentuar a atmosfera artesanal do espaço [Figura 110]. Mas também para dar um carácter temporal ao espaço graças à presença destes materiais que envelhecerão ao longo do tempo: Os

materiais naturais expressam a sua idade histórica, assim como a história do tempo; a pátina do desgaste acrescenta a enriquecedora experiência do tempo aos materiais de construção de origens naturais e ao uso humano.⁶⁴

A madeira será utilizada para as colunas, vigas de telhado, aberturas e revestimento mezanino, do criativo edifício multiuso. As pedras sedimentares serão utilizadas para guarda-costas, bancos e pavimentos em espaços públicos (A) e (B) [Figura 112 e 113].

A materialidade tem um impacto na forma dos elementos construtivos, como o tamanho e o design das vigas, mas também das colunas. De acordo com Juhani Pallasmaa, o trabalho do operário e artesão envolve a colaboração com o seu material: Em vez de impor uma ideia ou forma preconcebida, ele precisa ouvir o seu material. Brancusi foi o mago da forma pura, mas também estava profundamente preocupado com as propriedades dos materiais⁶⁵ [Figura 114 e 115]. O design de uma viga de metal não é idêntico ao design de uma viga de madeira porque estes dois materiais têm propriedades diferentes. O corte construtivo do edifício reabilitado (A) e o detalhe construtivo do seu telhado têm em consideração as propriedades de cada material: a forma e o tamanho da viga metálica e da escada metálica e dos seus elementos de fixação, a forma e o tamanho das colunas de madeira e das vigas inclinadas de madeira do telhado, a espessura das janelas de madeira...

63. PUENTE, Moisés, ed. lit. - Alejandro de la Sota : escritos, conversaciones, conferencias, p.94.

64. PALLASMA, Juhani - Los ojos de la piel: la arquitectura y los sentidos, p.30.

65. PALLASMA, Juhani - The thinking hand: existential and embodied wisdom in architecture, p.55.



Figura 110: Perspetiva interior CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A)



Figura 111: Perspetiva interior CCC (Caldas Cerâmica creativa) (B)



Figura 112: Perspetiva exterior CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A)



Figura 113: Perspetiva exterior Planta CCC (Caldas Cerâmica creativa) (B)



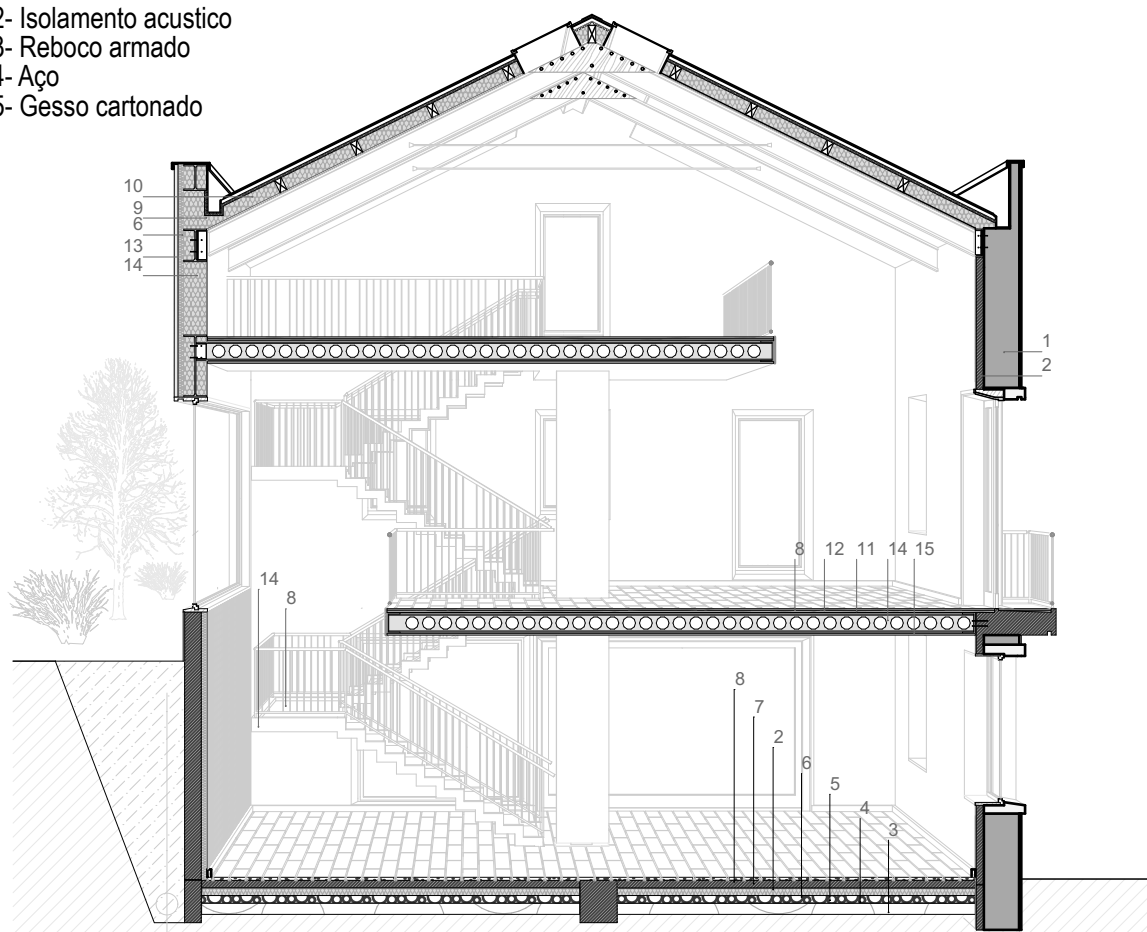
Figura 114: Constantin Brancusi Tabouret 1920

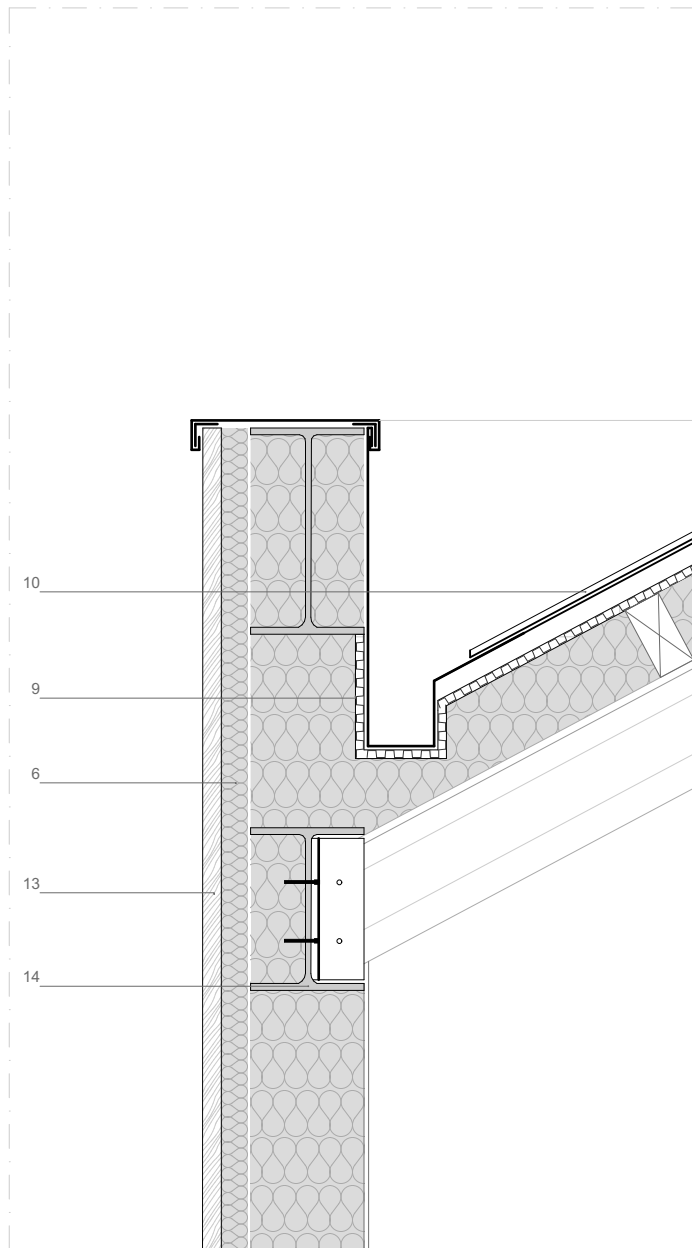


Figura 115: Constantin Brancusi Fauteuil automne 1933

Corte construtivo CMUC (Caldas Multi-uso creativo) (A)

- 1- Parede existente
- 2- Betão
- 3- Brita
- 4- Tou-venant
- 5- Impermeabilização
- 6- Isolamento termico
- 7- Betonilha de regularização
- 8- Revestimento madeira
- 9- Impermeabilização tela pitonada
- 10- Zinco
- 11- OSB
- 12- Isolamento acustico
- 13- Reboco armado
- 14- Aço
- 15- Gesso cartonado





5. Considerações finais

Considerações finais

O processo de descolonização de Portugal, bem como a transição da ditadura para a república no final do século XX teve consequências económicas. A falta de recursos, sobretudo recursos financeiros tinham um impacto sobre o desenvolvimento de Portugal à escala das suas cidades e centros históricos. Este processo levou ao aparecimento de muitos espaços e edifícios abandonados cuja re-apropriação é uma iniciativa necessária para promover a sobrevivência e preservar a história destes centros históricos. Nesta reflexão crítica identificámos as apostas da noção de “ruína contemporânea” e os fundamentos da crítica regional sobre Portugal, analisámos a cidade das Caldas da Rainha através de uma leitura crítica do território, depois fizemos duas propostas de reabilitação para acompanhar a nossa reflexão sobre o desafio dos edifícios abandonados no centro histórico da cidade das Caldas da Rainha.

Através da leitura crítica do território, descobrimos que se realizou um exemplo de reapropriação: os silos criativos. No entanto ainda existe uma forte presença de construções abandonadas no centro histórico da vila de Caldas da Rainha, alguns espaços abandonados são utilizados para estacionamento de autocarros. A presença destes parques de estacionamento ao ar livre no interior dos centros históricos não promove a coabitação, o bem-estar dos habitantes, mas sim a elevada concentração de automóveis e a poluição. Esta análise permitiu compreender que se a reabilitação é considerada apenas através de uma mudança de funções e considera o espaço abandonado como um objecto

autónomo, os riscos de insucesso são maiores. Há outros fatores a ter em conta, incluindo o território através da integração urbana, mas também a topografia. É preciso levar em consideração parâmetros próximos da crítica regionalista, como clima, luz, materialidade (coabitação entre artesanato e inovações tecnológicas).

Presentou uma proposta para regenerar parte do centro histórico da cidade das Caldas da Rainha. A criação de um espaço criativo multiusos (A) e de uma oficina de cerâmica (B) irá responder às necessidades vitais da população e à sua satisfação, mas também integrar a vida contemporânea e futura num area de reconecido valor historico.

A reflexão crítica e a respectiva materialização através das duas propostas de reabilitação abrem perspetiva a novas iniciativas de reapropriação, nomeadamente a reabilitação de edifícios abandonados num ambiente protegido, como os centros históricos sem impactar a memória do passado e indo ao encontro das necessidades atuais da geração atual e futura. A necessidade de regenerar áreas urbanas desativadas é uma realidade que se aplica a outros locais da cidade de Caldas da Rainha e no Portugal. A reflexão crítica e as suas propostas arquitetónicas são um ponto de partida para a criação de novas iniciativas de reapropriação de construções abandonadas, capazes de criar novo uso intergeracional e espaços de encontro regenerativos.

Referências

- ROSSI, Aldo - L'architecture de la ville, Gollion : Infolio éditions, 2016.
- FRAMPTON, Kenneth - Modern architecture: a critical history. London: Thames and Hudson, 1994.
- PALLASMAA, Juhani - Le regard des sens. Saint-Andre-de-Roquepertuis : Editions du linteau, 2010.
- PAPAGEORGIOU, Alexandre - Intégration urbaine, Essai sur la réhabilitation des centres urbains historiques et leur rôle dans l'espace structuré de l'avenir. Paris : Vincent, Fréal et Cie, 1971.
- RICHARDS, Jonathan - Facadism. New York : Routledge, 1994.
- VENTURI, Robert - Complejidad y contradicción en la arquitectura. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1992.
- ZUMTHOR, Peter - Atmósferas : entornos arquitectónicos - las cosas a mi alrededor. Barcelona : Gustavo Gili, 2006.
- MEIER, Alexis - Peter Eisenman Machine critique de l'architecture. Gollion : Infolio éditions, 2019.
- PUENTE, Moisés, ed. lit. - Alejandro de la Sota : escritos, conversaciones, conferencias. Barcelona : Fundación Alejandro de la Sota, 2008.
- NORBERG-SCHULZ, Christian ; SEYLER, Odile, trad. - Genius loci : paysage ambience architecture. Bruxelles : Pierre Mardaga éditeur, 1981.
- PALLASMAA, Juhani - Los ojos de la piel : la arquitectura y los sentidos. Barcelona : Gustavo Gili, 2012.
- PALLASMAA, Juhani - The thinking hand : existential and embodied wisdom in architecture. Chichester: John Wiley , 2009.
- OLIVARES, Rosa - The incomprehensible beauty of tragedy. Em EXIT: Ruins nº24. Madrid: Olivaes & Associated, 2006.
- CANOGAR, Daniel - The pleasure of ruins. Em EXIT: Ruins nº24. Madrid: Olivaes & Associated, 2006.
- ARISTÓTELES - Política. Vega Universidade. Lisboa: 1998.
- BENEVOLO, Leonardo – História da Cidade. Editora Perspectiva. São Paulo: 1997.
- CAMUS, Albert - A Peste. Gallimard. Paris: 1947.
- CARERI, Francesco - Walkscapes: El Andar Como Práctica Estética. Editorial Gustavo Gili, SL. Barcelona: 2002.
- DUARTE, Bruno - Reabilitação da Fábrica de Cerâmica "SECLA" em Caldas da Rainha. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2011. Dissertação de Mestrado
- FIGUEIREDO, Vítor - Livro Prémio SECIL de Arquitectura. Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha, 1998.

GOMES, Saúl António - As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII. 1ª ed. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 1994.

HIPÓLITO, Ricardo. O turismo nas Caldas da Rainha do século XIX para o século XX (1875- 1936). Lisboa: ISCTE-IUL, 2014. Dissertação de mestrado.

Nova Enciclopédia Larousse. Ed. n.º 3891, vol. VI. Círculo de Leitores. Lisboa: 1994.

OLIVEIRA, Filipa - Os Espaços Públicos das Caldas da Rainha: Regeneração Urbana e Identidade (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, 2016.

ORTIGÃO, Ramalho - Banho das Caldas e Águas Mineraes. Porto: Livraria Universal, 1975.

RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993.

ROSSI, Aldo - A Arquitetura da Cidade. Edições 70. Lisboa: 2021.

SERRA, João Bonifácio - 21 anos, pela História, Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003.

SERRA, João Bonifácio [et.al.] - Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes. Assírio&Alvim, 1998.

SERRA, João Bonifácio - Caderno de História Local: Introdução à História das Caldas da Rainha. Património Histórico - Grupo de Estudos, 1995.

WIRTH, Louis - "Urbanism as a Way of Life", in Community life and social policy, selected papers edited by E. Wirth Marwick and A. J. Reiss Jr. University of Chicago Press. Chicago: 1956.

CAMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA. TOMA. Projeto Piloto de Transporte Urbano [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: http://www.rb.mcr.pt/webcenter/portal/oracle/webcenter/page/scopedMD/s3cb489dd_3d2a_4d93_b095_c496cec0b515/PortalHome.jsp?wc.contextURL=%2Fspaces%2Fmcr&_adf.ctrl-state=1bb-g00euf_26&lado=esquerda&hide=s#!%40%40%3F_.

Censos 2021. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. [Consult. 08 out. 2022. Last Update Date: 2022]. Disponível em WWW:<https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html>.

RODOVIÁRIA DO OESTE. Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas Rocaldas. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em WWW:<<http://rodoviariadooeste.pt/rede-de-transportes>>.

POLITÉCNICO DE LEIRIA. Mapa da Cidade. Caldas da Rainha Mapa da Cidade [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 06 Out. 2022] Disponível em: <<https://www.ipleiria.pt/esadcr/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/MAPA-C-EDIFICIOS.pdf>>.

Bibliografia

- GRASSI, Giorgio - Escritos escolhidos, 1965-2015. Porto : Afrontamento, 2018.
- ÁBALOS, Iñaki ; LLINÀS, Josep, co-aut. ; PUENTE, Moisés, co-aut. - Alejandro de la Sota. Barcelona : Fundación Caja de Arquitectos, 2009.
- SIZA, Álvaro - Álvaro Siza : uma questão de medida. Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2008.
- RASMUSSEN, Steen Eiler - Experiencing architecture. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1993.
- BANDEIRINHA, José António, ed. lit. - Fernando Távo-
ra : modernidade permanente. Guimarães : Associação
Casa da Arquitectura, 2012.
- BYRNE, Gonçalo - Gonçalo Byrne : obras e projectos.
Lisboa : Editorial Blau, 1998.
- DAL CO, Francesco, co-aut. ; FIGUEIRA, Jorge, co-aut.
; MOURA, Nuno Graça, co-aut. ; LEONI, Giovanni, co-
-aut. ; MACHADO, Carlos, co-aut. ; MONEO, Rafael,
co-aut. ; SIZA, Álvaro, co-aut. ; MOURA, Eduardo Souto
de, co-aut. - Souto de Moura : memória, projectos, obra.
Porto : Casa da Arquitectura, 2019.
- RAMNE, L. (2022). CERAMIC SPACES, Exploring Clay
Building and Ceramic Heritage in Höganäs. Gothen-
burg: Chalmers School of Architecture, Department of
Architecture and Civil Engineering, 2022. Dissertação
de Mestrado
- ROBERT, Philippe - Reconversions. Paris : Editions du
Moniteur, 1991.
- CALVINO, Italo - As cidades invisíveis. Lisboa : Editorial
Teorema, 1999.
- PORTAS, Nuno - Nuno Portas : 18 obras partilhadas.
Porto : Circo de Ideias, 2019.

